

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**VIVÊNCIA DO LAZER NA ADOLESCÊNCIA: A DESIGUALDADE SOCIAL E O
FURTO DO LÚDICO**

WAGNER LEANDRO PEREIRA PINHO

**MONTES CLAROS – MG
NOVEMBRO/2007**

WAGNER LEANDRO PEREIRA PINHO

**VIVÊNCIA DO LAZER NA ADOLESCÊNCIA: A DESIGUALDADE SOCIAL E O
FURTO DO LÚDICO**

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES
como requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado e Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Ms. Luciano Pereira da Silva
Co-orientador: Prof. Esp. Georgino Jorge de Souza Neto

**Montes Claros – MG
2º semestre/2007**

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado e Bacharel em Educação Física.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Luciano Pereira da Silva (Orientador)

Prof. Esp. Georgino Jorge de Souza Neto (Co-orientador)

Prof. Ms. Leandro Batista Cordeiro

AGRADECIMENTOS

Regra é da vida que podemos, e devemos, aprender com toda a gente. Há coisas da seriedade da vida que podemos aprender com charlatães e bandidos, há filosofias que nos ministram os estúpidos, há lições de firmeza e de lei que vêm no acaso e nos que são do acaso. Tudo está em tudo.

Em certos momentos muito claros da meditação, como aqueles em que, pelo princípio da tarde, vagueio observante pelas ruas, cada pessoa me traz uma notícia, cada casa me dá uma novidade, cada cartaz tem um aviso para mim.

Meu passeio calado é uma conversa contínua, e todos nós, homens, casas, pedras, cartazes e céu, somos uma grande multidão amiga, acotovelando-se de palavras na grande procissão do Destino.

Fernando Pessoa

Aprendi com muitas pessoas e em diversas situações, assim o fato de agradecer de forma escrita se torna uma tarefa difícil. Não possuo a habilidade de expressar em palavras a dimensão da gratidão que sinto. Porém, agradeço de coração a todos que tenho afeição, pois uma graduação não é feita somente de conhecimentos, há uma grande demanda de sentimentos.

Agradeço primeiramente à minha amada mãe, Lúcia, mulher da qual sinto orgulho pela determinação sabedoria e garra, amo-te muito. Agradeço à minha família, meu pai Marcionilio e ao meu irmão Bruno, pelo apoio e horas lúdicas que sempre passamos juntos.

À minha avó Geralda (minha segunda mãe) pelo carinho e amor e incentivo, aos meus tios e tias Paulo, Niu, Zezé, Marisa, Tânia, Heloisa, Norma, aos meus primos e todos os outros que aqui não citei. Sou grato pelo apoio de vocês...

À minha namorada Rita que sempre será uma pessoa importante na minha vida. Obrigado pelo apoio, cumplicidade, compreensão nas horas difíceis e pelos momentos de alegria. Sou eternamente grato por tudo que fizestes por mim.

Agradeço aos professores que possibilitaram minha formação. Agradeço em especial aos professores Luciano, Gino e Leandro pelo amadurecimento de idéias, apoio e conhecimento fornecidos.

Agradeço aos meus colegas de faculdade, pela amizade em nossos dias de luta. Obrigado a todos que me ajudaram na graduação, e pelos momentos inesquecíveis. Obrigado de coração!

Agradeço aos meus amigos que me apoiaram e perdoaram pelos momentos de ausência.

Agradeço aos meus colegas do Segundo Tempo, Carla, Edmara, Bruno, Abelardo, Silézia, Fabiana, Marcela e Marcelo. Obrigado pelas situações de aprendizagem e amizade contidas nessa jornada.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta caminhada, me apoiaram e acreditaram. Muito obrigado!

DEDICATÓRIA

Dedico à minha amada mãe Lúcia, à minha avó Geralda, e à Rita.

O FAZEDOR DE HOMENS

Carlos Drummond de Andrade

Todo homem é uma ilha...
É bom ser uma ilha distante
tanto quanto é bom ser um homem.
Todo homem possui uma ponte
pois é preciso sair da ilha, seguro.
A ponte de um homem é um braço
estendido.
Todo homem é um mundo.
O mundo roda no sistema egocêntrico
de suas realidades,
pequenos alumbramentos,
medos e coragens.
E quando o homem encara o mundo e se
depara
- homem-mundo,
mundo-homem,
volta à ilha:
Todo homem ama sua ilha.

O homem faz o homem.
E porque fez o homem, sem nem o homem
querer
aufere direitos do homem.
Diz a ele: Cresça!
E ele fica mais alto.
Diz ao homem: Trabalhe!
E ele usa o corpo.
Diz ao homem: Viva!
E ele respira e existe.
Diz ao homem: Ame!
E ele não sabe como.
Mas diz ao homem: Procrie!
E ele faz homens.
Um dia ele morre.
Se a vida foi longa para viver
- é curta para morrer

- porque o homem não fez,
não escolheu,
não pensou nada.
O que faz um homem diferente de outro
homem
é o que ele pensa.
O que o transforma, também,
de um simples fazedor de homens,
num criador de homens.
Todo homem é uma vontade.
E se deixa de ser vontade
teme a perda de sua posse.
Todo homem é uma consciência.
Nela inclui o seu saber
e a parte maior do não saber,
e se aceita o fato, é com ela que ele se
entende.
Todo homem é seu corpo.
E sabe dele em contraste com outro corpo,
tal é a sua medida.
Como também, a medida de um homem é a
sua carência:
porque é assim que ele se assume,
porque é assim que ele se liberta.
Quanto mais ele precisa
mais ele é maior. E dá.
Pede. Reivindica. Exige, quanto pode.
Luta e sofre.
Todo homem quer deixar sua ilha.
Temeroso de ter que voltar um dia,
entretanto,
não destrói as pontes.
Enquanto isso, a ilha fica ali, só ilha.
A ponte fica ali, só ponte.
E o homem fica ali, só homem.

RESUMO

A relação entre lazer e adolescência não aparece da mesma forma para todos, principalmente quando levamos em conta o fator econômico e as desigualdades sociais. Neste sentido, esta pesquisa teve como objetivo verificar as vivências de lazer entre adolescentes de diferentes realidades sociais da cidade de Montes Claros – MG, analisando as possíveis relações entre realidade social, tempo disponível e conteúdos vivenciados no lazer. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo, sendo caracterizada como descritiva e de natureza quantitativa. A amostra foi composta por 100 adolescentes de ambos os sexos com idades entre 14 e 17 anos, divididos em duas realidades sociais retratadas pela instituição de ensino que freqüentam: uma instituição de ensino particular localizada no bairro Ibituruna e outra instituição de ensino da rede pública estadual localizada no bairro Vilage do Lago 2, representando realidades sociais desiguais. Os resultados são restritos à amostra pesquisada. A partir do desenvolvimento da pesquisa foi possível constatar que o tempo disponível dos adolescentes de ambas as realidades sociais tende a uma restrição devido às obrigações sociais, que no caso da escola particular são, em sua maioria, os cursos extra-escolares, enquanto na instituição pública são as tarefas domésticas. A principal barreira para o lazer dos adolescentes da instituição privada foi a falta de tempo, já para os adolescentes da instituição pública foi a falta de recursos econômicos. No que se refere às vivências do lazer dos adolescentes, notou-se uma restrição nos conteúdos culturais. Ao mesmo tempo em que o lazer dos adolescentes é restrito em suas vivências, grande parte dos adolescentes (em sua maioria da instituição privada) não anseia por outras vivências além do que já é praticado. Esta contradição afirma a falta de informação da população em relação ao lazer. A análise dos dados permitiu concluir que as barreiras econômicas afetam diretamente os adolescentes da instituição pública. Porém, a democratização do lazer não depende exclusivamente de fatores sócio-econômicos, mas também se relaciona com a educação para a vivência do tempo disponível. Além disso, se levarmos em conta que a prática ou não do lazer está diretamente vinculada às questões econômicas, podemos afirmar que uma real mudança com relação à democratização do acesso ao lazer passa, necessariamente, por grandes transformações que abarcam, inclusive, mudanças estruturais na sociedade.

ABSTRACT

The relationship between leisure and adolescence does not appear in the same way for everyone, especially when we take into account the factor economic and social inequalities. Accordingly, this research was designed to verify the experiences of leisure among adolescents of different social realities of the city of Montes Claros - MG, examining possible links between social reality, time and content experienced at leisure. For both, there was a search of field, being characterized as descriptive and quantitative in nature. The sample was composed by 100 adolescents of both sexes aged between 14 and 17 years, divided into two social realities portrayed by the institution of education who attend: an institution of education particularly at the neighborhood Ibituruna and other institution of learning from the public state located in the neighborhood Village of Lake 2, represented unequal social realities. The results are restricted to the sample search. From the development of the research was to see that the time available for teenagers of both social realities tends to a restriction due to social obligations, which in the case of private school are, in their majority, the out-of-school courses while in the institution public are the household chores. The main barrier to young people's leisure private institution was the lack of time, since for adolescents of public institution was the lack of economic resources. With regard to the leisure experiences of adolescents, noted to be a restriction on cultural content. At the same time that the leisure of adolescents is restricted in their experience, most young people (mostly from the private institution) no hopes other experiences beyond what is already practiced. This contradiction says the lack of information of the population in relation to leisure. The analysis of the data indicated that the barriers to economic directly affect young people from the public institution. But the democratization of leisure is not dependent solely on socio-economic factors but also relates to the education experience for the time available. Also, if we take into account that the practice of leisure or not is directly linked to economic issues, we can say that a real change with regard to the democratization of access to leisure passes, necessarily, for which encompass major changes, including structural changes in society.

LISTA DE FIGURAS

GRÁFICO 1: Porcentagem de adolescentes que trabalham (instituição pública).....	37
GRÁFICO 2: Porcentagem de adolescentes que trabalham (instituição particular)....	38
GRÁFICO 3: Quantidade de horas trabalhadas por dia (instituição pública).....	38
GRÁFICO 4: Obrigações sociais dos adolescentes (instituição pública).....	40
GRÁFICO 5: Obrigações sociais dos adolescentes (instituição particular).....	40
GRÁFICO 6: Duração das obrigações sociais (instituição pública).....	41
GRÁFICO 7: Duração das obrigações sociais (instituição particular).....	41
GRÁFICO 8: Atividades realizadas durante a semana (instituição pública).....	43
GRÁFICO 9: Atividades realizadas durante a semana (instituição particular).....	43
GRÁFICO 10: Atividades realizadas nos finais de semana (instituição pública).....	46
GRÁFICO 11: Atividades realizadas nos finais de semana (instituição particular)....	46
GRÁFICO 12: Atividades que gostariam de fazer (instituição pública).....	48
GRÁFICO 13: Atividades que gostariam de fazer (instituição particular).....	48
GRÁFICO 14: Motivo pelo o qual não faz o que gostaria (instituição pública).....	50
GRÁFICO 15: Motivo pelo o qual não faz o que gostaria (instituição particular).....	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.2. Objetivos.....	13
1.2.1. Objetivo geral.....	13
1.2.2. Objetivos específicos.....	14
2. METODOLOGIA.....	15
2.1. Tipo de pesquisa.....	15
2.2. Universo de pesquisa.....	15
2.3. Amostra.....	16
2.4. Estudo piloto.....	16
2.5. Coleta de dados.....	16
2.6. Análise dos dados.....	17
2.7. Limites do estudo.....	17
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	18
3.1. Contextualização teórica – Conceituação do fenômeno lazer.....	18
3.2. Conteúdos culturais do lazer.....	22
3.3. Barreiras para o lazer.....	25
3.4. Lazer e trabalho.....	29
3.5. Considerações sobre a adolescência e o consumo no lazer.....	33
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
6. REFERÊNCIAS.....	55
7. APÊNDICE.....	58

1. INTRODUÇÃO

Indústria do entretenimento, ludicidade, recreação, consumo; palavras cada vez mais comuns no cotidiano acadêmico e nos discursos dos variados grupos sociais. Porém, aliada a essas palavras há, segundo Mascarenhas (2005), uma investida neoliberal que vem provocando o desmonte das políticas sociais no Brasil, uma vez que fragiliza o Estado (que é responsável pelas ações voltadas para área social) e causa o agravamento das desigualdades e exclusão social.

Frente a essa ocorrência, o tempo disponível da população nos coloca diante de uma necessidade e desejo presente na sociedade: o lazer. Apesar de todo o anseio pelas vivências do lazer, o acesso a este nem sempre aparece de forma igual para todos, principalmente quando o fator econômico se torna alvo da questão, juntamente com gênero e idade.

O poder aquisitivo do indivíduo pode estar ligado a diversos fatores que, por sua vez, influenciam diretamente na quantidade de tempo disponível, bem como na qualidade das vivências que constituem o seu lazer.

Diante destas condições, as reivindicações por políticas públicas que atendam os anseios por lazer se tornam freqüentes. Porém, os governantes nem sempre formulam e implantam estratégias com vistas a estas necessidades, abrindo assim mais oportunidades para o setor privado assumir este papel. No entanto, o que ocorre com freqüência a esta apropriação do lazer pelo setor privado, é uma comercialização do lazer. Isto gera uma noção de lazer como mercadoria a ser consumida e vendida permeada de valores que, por vezes, está além da realidade aquisitiva da maior parte da população. Nesta lógica, o público jovem se torna alvo

da propaganda e modismos ditados pelo mercado do lazer, que cria desejos relacionados ao consumo e excluem os que não podem pagar.

Considerando adolescência, enquanto uma fase do ciclo de vida humana, onde são notórias as intensivas mudanças de ordem física, cognitiva e afetiva em um curto período de tempo, juntamente com o potencial transformador do lazer quanto ao desenvolvimento pessoal e social do indivíduo, podemos considerar o lazer como fenômeno de grande relevância na vida do adolescente.

Com base no descrito anteriormente, algumas indagações surgem: quais as vivências que constituem o lazer dos adolescentes em diferentes realidades sociais? De que forma é distribuído o tempo disponível destes adolescentes? De que maneira a questão econômica configura-se como uma barreira para a vivência do lazer entre os adolescentes?

Procurar pistas sobre estas questões se torna relevante devido aos poucos estudos realizados nesta temática, o que poderá ampliar os debates acerca do lazer como também contribuir para futuras intervenções sociais.

A partir dessa perspectiva, buscou-se a investigação das vivências de lazer entre os adolescentes de diferentes realidades sociais. Optou-se pela investigação no ambiente escolar pelo fato da conveniência de encontrar o número de indivíduos pretendidos para compor a amostra. Partiu-se do pressuposto que as instituições de ensino particular são freqüentadas, geralmente, pela camada social que possui um melhor poder aquisitivo e a população menos favorecida economicamente depende da rede pública de ensino. Assim, para a diferenciação entre as realidades sociais foram escolhidas duas instituições de ensino para a coleta de dados, uma escola particular e uma escola da rede pública Estadual. A instituição particular possui uma mensalidade de valor elevado e localiza-se no bairro Ibituruna em uma região nobre da cidade de Montes Claros – MG. Por outro lado, a instituição da rede pública Estadual de ensino encontra-se na periferia desta mesma cidade, em uma região carente de políticas públicas e com moradores de baixo poder aquisitivo. Desta forma, a pesquisa atingiu diferentes públicos em escolas situadas em bairros que representam distintas realidades sociais.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo geral

Discutir as vivências de lazer entre adolescentes de diferentes realidades sociais da cidade de Montes Claros – MG.

1.2.2. Objetivos específicos

- Discutir o fenômeno lazer;
- Diagnosticar possíveis barreiras interclasses sociais para o lazer;
- Averiguar quais atividades são mais praticadas durante o tempo disponível dos adolescentes;
- Analisar as possíveis relações entre realidade social, tempo disponível e conteúdos vivenciados no lazer.

2. METODOLOGIA

2.1. Tipo de pesquisa

Este estudo se caracteriza como descritivo, pois, “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 1991, p.46). De natureza quantitativa, pois visa quantificar opiniões e dados, procurando descobrir e classificar a relação entre variáveis (OLIVEIRA, 1999). Com relação aos procedimentos técnicos de coleta de dados, esta pesquisa pode ser caracterizada como bibliográfica e pesquisa de campo.

2.2. Universo de pesquisa

A população deste estudo foi constituída por adolescentes estudantes de ambos os sexos residentes na cidade de Montes Claros – MG.

Critérios de inclusão:

- a) Possuir idade entre 12 e 18 anos incompletos;
- b) Aceitar participar da pesquisa;
- c) Freqüentar uma das instituições na qual foi realizada a pesquisa.

2.3. Amostra

A amostra foi constituída por 100 adolescentes de ambos os sexos com idades entre 14 e 17 anos. Esta amostra foi dividida em dois grupos, sendo 50 adolescentes que freqüentam uma instituição de ensino pública da rede Estadual localizada no bairro Village do Lago 2 (região carente de políticas públicas e com moradores de baixo poder aquisitivo, situada na periferia da cidade de Montes Claros – MG); e 50 adolescentes que estudam em uma instituição de ensino particular localizado no bairro Ibituruna (escola freqüentada por adolescentes que, geralmente, possuem melhor poder aquisitivo, situada na região nobre desta mesma cidade). Visando a não interferência nos resultados auferidos da variável gênero, os 50 indivíduos de cada grupo da amostra foram compostos por 25 sujeitos do gênero feminino e 25 do gênero masculino.

2.4. Estudo piloto

O pré-teste foi aplicado em outra população que apresenta características semelhantes ao do objeto de estudo visando possíveis correções no instrumento de coleta de dados, pois segundo Gil (1991), o pré-teste está centrado na avaliação dos instrumentos enquanto tais, visando garantir que meçam exatamente aquilo que pretendem medir.

2.5. Coleta de dados

A coleta de dados ocorreu no período de 01/08/2007 à 30/09/2007. O instrumento de coleta de dados foi um formulário contendo questões fechadas e abertas, que buscavam informações referentes ao estilo de vida do entrevistado e suas vivências durante o lazer. Gil (1991) define formulário como a técnica de coleta de dados em que o pesquisador formula questões previamente elaboradas e anota as respostas.

Depois de desenvolvido o instrumento de coleta de dados, houve o contato com as diretoras das instituições de ensino onde seria realizada a coleta de dados com os adolescentes. Após a autorização das diretorias das escolas, foi

estabelecido o contato aleatório com os adolescentes, sendo os mesmos abordados na instituição de ensino que freqüentam, respeitando o anonimato do participante. Os que aceitaram participar do estudo responderam as questões do formulário.

2.6. Análise dos dados

Os dados coletados foram analisados por meio do programa Excel 2003 for Windows. Posteriormente, os gráficos construídos foram interpretados a partir do referencial teórico.

2.7. Limites do estudo

Este estudo se refere somente aos adolescentes pesquisados nas instituições de ensino escolhidas na cidade de Montes Claros – MG, sendo os resultados limitados a esta amostra.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1. Contextualização teórica – Conceituação do fenômeno lazer

A partir da segunda metade do século XX o lazer passa a ser objeto de estudo sistemático nas modernas sociedades urbano-industriais capitalistas e socialistas (MARCELLINO, 2002). Porém, entre os autores que se dedicam ao seu estudo, encontram-se diferentes abordagens para a sua conceituação.

De acordo com Sobral (2004, p.10),

A origem etimológica do termo lazer está no latim *licere*, significando “ser permitido” ou “ser lícito.” A palavra tem os seus correspondentes no francês *loisir* e no inglês *leisure* e, em todos os casos, evoca a noção de *tempo livre* – isto é, livre das obrigações sérias do trabalho ou das ocupações decorrentes de um certo estatuto social.

É perceptível nas conceituações do lazer a presença de termos como tempo e obrigações, sendo associados como tempo de liberação de obrigações, estes termos e conceitos serão discutidos no decorrer deste estudo.

Um dos pioneiros nos estudos do lazer foi o sociólogo francês Joffre Dumazedier (1999). Este autor considera como lazer as atividades que contemplam quatro propriedades primordiais. Seguindo seus conceitos, temos duas propriedades “negativas” que se definem em relação às obrigações pelas instituições de base da sociedade, e duas “positivas” definindo-se em relação às necessidades da personalidade.

A primeira propriedade é o caráter liberatório, configurando o lazer como o resultado de uma livre escolha. Porém, o autor alerta que “o lazer é liberação de

um certo gênero de obrigações” (DUMAZEDIER, 1999, p.94) sendo um equívoco acreditar que o lazer está livre de toda obrigação. No que se refere a este aspecto, Camargo (1992, p.12) destaca que “o lazer é sempre liberatório de obrigações: busca compensar ou substituir algum esforço que a vida social impõe”. Assim o lazer seria liberação das obrigações institucionalizadas como o trabalho, a escola, as obrigações religiosas e domésticas, porém dependente das relações sociais e suas obrigações como, por exemplo, as regras de conduta de um clube, ou regras disciplinares de uma atividade esportiva. Ressalta-se que as atividades no lazer quando convertidas em obrigações institucionais, se transformam em semilazer. Seguindo a posição de Dumazedier (1999), o semilazer seria um lazer parcial caracterizado como uma atividade mista em que é misturado a uma obrigação institucional, como uma sessão de cinema obrigatória para um estudante, ou quando um aficionado por *bricolage* realiza reparos em sua própria casa.

O caráter desinteressado, segundo Dumazedier (1999), caracteriza o lazer como atividade não fundamentalmente ligada a um fim lucrativo, utilitário, ideológico ou proselitístico, como os deveres profissionais, domésticos, políticos e espirituais. Na concepção de Camargo o lazer não se configura como inteiramente desinteressado ou gratuito, “apenas o é mais do que um ato da rotina profissional, quando o indivíduo está de olho na remuneração, ou do que levar o filho ao médico, para exame” (CAMARGO, 1992, p.11). Neste contexto, as atividades de lazer apresentam um fundo de interesse no sentido de valorização social do sujeito que a pratica.

O caráter hedonístico define-se, de início, negativamente com respeito às obrigações institucionais e às finalidades impostas pelos organismos de base da sociedade, buscando um estado de satisfação tomado como um fim em si (DUMAZEDIER, 1999). A busca pelo prazer, alegria, felicidade e satisfação são traços fundamentais do lazer na sociedade atual, porém a felicidade não se reduz aos momentos de lazer, acompanha de certa forma as outras esferas da vida social. Em relação ao prazer, Camargo (1992) aponta que existe o princípio da sua busca, mesmo que a atividade se inicie com um esforço para se obter uma sensação agradável posteriormente ou, que se inicie com uma atividade prazerosa e termine no tédio. Neste sentido é comum a interrupção das atividades no lazer quando estas não lhe corresponda uma satisfação e prazer, pois o desenvolvimento desta atividade estaria intimamente ligada ao interesse de seus praticantes.

Para o caráter pessoal, Dumazedier (1999, p.96) coloca que “todas as funções manifestas do lazer expressas pelos próprios interessados respondem às necessidades do indivíduo, face às obrigações primárias impostas pela sociedade”. Seguindo o seu pensamento, podemos verificar que o lazer oferece a possibilidade de liberar-se da fadiga, do tédio, da rotina e estereótipos impostos pelo funcionamento dos organismos de base¹, considerando como lazer mais completo o que pode satisfazer as três necessidades do indivíduo ditas anteriormente.

Camargo (1992) considera que todas as atividades do cotidiano, inclusive o lazer, sofrem influências dos determinantes culturais, sociais, políticos e econômicos. Entretanto, este mesmo autor defende que no lazer há uma maior escolha quando em comparação com as outras esferas da vida do homem que constituem obrigações, acreditando assim, que no tempo liberado se pode exercitar com mais criatividade as alternativas de ação ou de participação.

Em seu conceito Dumazedier² (*apud* MARCELLINO, 1987, p.30) caracteriza o lazer como:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desambaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Como se pode perceber em suas obras, autores como Marcellino e Camargo possuem como referência o pensamento de Dumazedier para formularem seus conceitos de lazer.

Marcellino (1987, p.31) entende o lazer como:

[...] cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”. O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação.

¹ DUMAZEDIER (1999) usa o termo “organismos de base” para se referir às instituições básicas da sociedade como, por exemplo, a escola, o trabalho e a igreja.

² DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. ANAIS do I Encontro Nacional sobre Lazer. Rio de Janeiro, SESC, 1997, p. 50-56.

De acordo com este mesmo autor, pode-se distinguir entre os estudos feitos sobre o lazer duas grandes linhas, uma enfocando o aspecto atitude e outra que restringe o lazer a um tempo determinado .

Os autores em que este estudo se embasa utilizam o tempo e atitude como aspectos fundamentais na análise da caracterização e conceituação do lazer; nesse sentido, para Cavichioli *et al.* (2005), há uma tendência nas definições de lazer em considerar o tempo e a atitude, e os traços definidores e seu caráter desinteressado, o descanso, o divertimento, o desenvolvimento da personalidade e da sociabilidade.

Enfatizando o aspecto atitude, o lazer passa a ser considerado como um estilo de vida, independente de um tempo determinado, assim, qualquer situação poderá se constituir em oportunidade para a prática do lazer – até mesmo o trabalho (MARCELLINO, 1987).

Em relação ao tempo, quando considerado isoladamente, Marcellino (1987, p.29) defende que:

[...] também engloba aspectos nebulosos, uma vez que, uma mesma pessoa pode, num certo período de tempo, desenvolver mais de uma atividade; por exemplo, ouvir música enquanto trabalha. Além disso, tempo algum pode ser considerado livre de coações ou normas de conduta social. Talvez, fosse mais correto falar em tempo disponível, ao invés de tempo livre.

Marcellino (2002) ressalta o tempo e a atitude como aspectos fundamentais no seu conceito de lazer e toda análise não deve ficar isolada em um único desses aspectos, pois o simples isolamento de cada uma pode provocar uma série de equívocos, decorrentes de situações nebulosas. “O lazer considerado como atitude será caracterizado pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, basicamente a satisfação provocada pela atividade” (MARCELLINO, 2002, p.8). Neste contexto, o lazer é considerado como uma escolha individual, e o produto desta escolha é baseado no prazer.

Bruhns (2002) desenvolve uma consideração sobre o aspecto tempo no lazer, colocando que o tempo livre é uma idéia de democracia realizável, enquanto o lazer não é totalmente realizável sendo um ideal e não somente uma idéia. A partir dessa perspectiva, “o tempo livre refere-se a uma forma determinada de calcular uma classe de tempo; o lazer é uma forma de ser, uma condição do homem, que

poucos desejam e dentre estes menos alcançam” (BRUHNS, 2002, p.18). Seguindo esta linha, seria incorreto considerar o lazer somente como um tempo, deixando de lado outras condições necessárias para que o lazer seja concretamente vivenciado.

Ainda no que diz respeito ao aspecto tempo, Bruhns (2002) considera que a união do termo “livre” ao “tempo” poderá criar uma série de indagações em relação ao que seria realmente livre. Para Marcellino (2002), o lazer é ligado às atividades realizadas no tempo liberado do trabalho e obrigações familiares, sociais e religiosas, sendo este tempo considerado como um tempo disponível. Seguindo suas idéias, deve-se ressaltar que o tempo do desempregado não se configura como um tempo liberado do trabalho, mas sim como um tempo desocupado devido à incapacidade do sistema econômico de gerar trabalho, e uma pessoa nessas circunstâncias não possui condições de desenvolver atitudes favoráveis para o lazer. A este respeito Bruhns (2002, p.34) discutindo as idéias de De Grazia³, aponta que “o sistema político define quem há de ter tempo livre. No capitalismo ou no socialismo, os merecedores são os que trabalham, sendo o tempo livre uma das recompensas. Um homem não podendo trabalhar não terá tempo livre”.

Com esta ideologia as barreiras para o lazer são construídas e se tornam cada vez mais freqüentes na sociedade contemporânea, porém estes aspectos serão discutidos mais a frente no decorrer deste estudo.

3.2. Conteúdos culturais do lazer

Como visto anteriormente, várias atividades basicamente realizadas em um tempo disponível e com uma atitude favorável se configuram como lazer. Porém, anterior à busca destas atividades, há um interesse que motiva o seu praticante. Isto permite o agrupamento das atividades realizadas no lazer se caracterizando como seus conteúdos. Camargo (1992) considera as classificações como controversas, contudo adota como mais satisfatória a classificação de Dumazedier (1999); esta classificação se dá “baseado no princípio do interesse cultural central de cada atividade de lazer, ele as classifica em físicas, manuais, intelectuais, artísticas e sociais” (CAMARGO, 1992, p.18). Na obra de Camargo (1992) e na publicação de Marcellino (2002), essa classificação de Dumazedier recebe o acréscimo dos

³ De GRAZIA, Sebastian. *Tiempo, trabajo y ocio*. Madrid: Editorial Tecnos, 1996.

interesses turísticos. Para a caracterização das áreas de interesse cultural do lazer, serão descritas as concepções de algumas publicações que, em seus capítulos, tratam desta classificação.

As atividades físicas de lazer surgem onde prevalece o movimento e o interesse de se exercitar e manter-se em forma, ou ainda a estética do movimento esportivo, dança e ginástica (CAMARGO, 1992). Para Marcellino (2002), esta categoria de atividade, e mais especificamente o esporte, se configura como a mais comumente acessada pelas diferentes camadas sociais.

São entendidas como atividades manuais de lazer a busca do prazer ligado a manipulação, exploração e transformação da natureza (algumas vezes tão distante do homem urbano) ou de objetos, temos como exemplo o artesanato, *bricolage*, jardinagem e o cuidado com animais (MARCELLINO, 2002).

As atividades artísticas de lazer se configuram para Camargo (1992, p.23) como “[...] a busca do imaginário, do sonho, do encantamento, do belo, do fazer de conta”. Este mesmo autor considera como seu conteúdo atividades como decorar a casa, as roupas, a maquiagem e festas (pois nas festas, todos se comportam como atores em um faz-de-conta). Para Marcellino (1983), seu conteúdo é estético e abrange todas as manifestações artísticas. Seguindo suas idéias, a prática desse conteúdo é pouco difundida, apresentando-se em forma de espetáculos e exposições, e mesmo quando proporcionadas desta forma, a frequência e o incentivo para a participação da população ainda se dá de forma restrita a uma elite. Desta forma, a inventividade e criatividade ligadas a estas práticas se tornam comprometidas.

Nos interesses intelectuais o que se busca é o contato com o real, informações objetivas e explicações racionais em conhecimento vivido e experimentado em cursos ou leitura (MARCELLINO, 1983; 2002). Neste sentido, estas vivências podem apresentar uma relação estrita com a capacitação profissional, ou com a esfera escolar da vida social. Camargo (1992) possui uma visão que se difere um pouco da posição de Marcellino, pois considera que tudo na vida é fonte de informação e aprendizagem. Na sua concepção, a informação obtida a partir da arte dirige-se basicamente à emoção dos indivíduos, enquanto a informação de um livro ou jornal dirige-se à satisfação de uma curiosidade ou desejo de saber alguma coisa sobre determinado assunto.

O interesse social está centrado no contato com as pessoas quando se procura fundamentalmente o relacionamento, o convívio social; exemplos específicos são os bailes, bares e cafés servindo como ponto de encontro e a freqüência a associações (MARCELLINO, 2002). De acordo com esse mesmo autor, entre a população mais idosa há preconceitos e estereótipos em relação à participação nestas manifestações e no que se refere aos eventos que envolvem maior concentração de pessoas, a violência aparece como fator inibidor a participação. Porém as atividades que envolvem este interesse ainda se apresentam como um importante conteúdo do lazer da população de um modo geral.

Nos interesses turísticos de lazer busca-se, fundamentalmente, a mudança de paisagem, ritmo e estilo de vida, configurando-se como a quebra da rotina temporal e espacial, como exemplo temos os passeios e viagens (CAMARGO, 1992). A população urbana demonstra um grande anseio com relação a estes aspectos. Quando o fator econômico não representa uma barreira, as férias, feriados e finais de semana são caracterizados por viagens e passeios a praias, sítios, cidades “pequenas” e históricas procurando uma quebra de rotina (muitas vezes maçante) e o encontro com a natureza.

Camargo (1992) coloca o devaneio como uma ação muito significativa, numa rara ocasião de inventividade no reencontro de si entregando-se à riqueza do momento, porém outros autores não citam o devaneio em suas obras.

Deve-se ressaltar que as atividades são divididas de acordo com a motivação e intenção predominante que leva o indivíduo a prática de determinadas atividades. Uma atividade como o passeio, dependendo do interesse de quem o pratica, poderá se enquadrar como físico ou turístico. O ideal seria que todas as pessoas, em seu tempo disponível, desenvolvessem atividades nas variadas áreas de interesse cultural em sua livre escolha (MARCELLINO, 1983).

Como também se torna relevante citar, em todas as áreas do lazer é possível praticar, assistir e estudar, normalmente o que se observa é a combinação de duas atitudes, assistência e estudo, e, mais raramente, as três atitudes juntas (CAMARGO, 1992). As áreas de interesses das atividades de lazer, ditas anteriormente, possuem como pilares de sustentação o repouso, a diversão e o

desenvolvimento pessoal e social, segundo Dumazedier⁴ (*apud* MARCELLINO, 2002, p.18).

A respeito dos conteúdos e das atitudes que envolvem o lazer, temos a discussão da atividade e passividade. Camargo (1992), não acredita no lazer passivo, mas concorda que o eixo de consumo é um problema educacional no lazer. A respeito dessa discussão, Marcellino (2002, p.20) coloca que:

A distinção entre a prática e o consumo é acompanhada, via de regra, por juízos de valor. À apologia da prática, freqüentemente colocada, opõem-se os perigos da passividade do consumo. No entanto, em se considerando as atividades de lazer, o que seriam a atividade e a passividade?

Esta análise se restringe a atitude que o indivíduo assume na sua vivência durante o lazer. Neste contexto, toda prática ou consumo pode ser ativo ou passivo. Marcellino (2002) classifica o nível de envolvimento nas atividades como elementar, onde prevalece o conformismo; médio, onde predomina a criticidade; e superior ou inventivo, imperando a criatividade, entretanto é importante salientar que a simples prática não significa participação, assim como nem todo “consumo” corresponde necessariamente à passividade.

3.3. Barreiras para o lazer

Apesar de o lazer ser um direito assegurado no Artigo 6º da Constituição de 1988 ao lado da saúde, educação, alimentação, trabalho e outras necessidades básicas do cidadão sendo, neste sentido, reconhecido no plano teórico, na prática o que se nota são diversas dificuldades para sua verdadeira legitimação. Nesta lógica, o lazer deixa de ser entendido como direito social, sendo, geralmente, visto apenas como desculpa ou chamariz para a realização de ações, meramente assistencialistas, que buscam remediar os problemas que algumas regiões da cidade passam nas diversas áreas do social (STOPPA, 2005).

Em uma sociedade onde as diferenças entre as pessoas que a constituem extrapolam o plano social e englobam estereótipos e preconceitos, era de se esperar que o lazer também fosse afetado. O lazer oferece diversas

⁴ DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. ANAIS do I Encontro Nacional sobre Lazer. Rio de Janeiro, SESC, 1997, p. 50-56.

variedades de ocupações e benefícios (quando bem vivenciado), porém nem todos conseguem (ou querem) tê-lo como um todo. Muitas vezes, o lazer é visto como um luxo e assim ocupa os últimos lugares em uma lista de prioridades, se transformando em privilégio de classes economicamente superiores. Além da “falta de tempo”, “a classe, o nível de instrução, a faixa etária e o sexo, entre outros fatores, limitam o verdadeiro lazer a uma minoria da população” (MARCELLINO, 1983, p.55).

Neste tópico pretende-se discutir as barreiras intraclasses sociais e interclasses sociais que representam um fator importante para as vivências e acesso ao lazer. Será dada uma maior ênfase para as barreiras interclasses sociais devido ao foco principal deste estudo.

As barreiras intraclasses sociais também possuem como plano de fundo o fator econômico, porém analisados dentro de uma determinada classe social como inibidores e dificultadores na prática do lazer.

Seguindo o pensamento de Marcellino (2002) existem várias barreiras intraclasses sociais. A seguir serão descritas algumas tendo como base este mesmo autor:

a) O gênero: neste aspecto, as mulheres são desfavorecidas comparativamente aos homens, ou pela rotina do trabalho doméstico, ou pela dupla jornada de trabalho e, principalmente, pelas obrigações familiares decorrentes do casamento, numa sociedade que, apesar dos avanços nesse campo, continua machista. O que é estimulado desde a infância, onde as meninas são incentivadas a brincadeiras ligadas a casa.

c) A faixa etária: se constitui como uma barreira intraclasses social onde os que sofrem são as crianças e os idosos. A criança por não ter entrado no mercado de trabalho e a infância ser vista como uma preparação para o futuro, e em classes sociais mais favorecidas a criança ocupa seu tempo com diversas atividades como escolinhas de música, esportes, línguas estrangeiras, sendo encaradas como obrigações que limitam seu tempo disponível. Em classes sociais baixas a criança é muitas vezes obrigada a trabalhar para auxiliar na sobrevivência da família. O idoso sofre com esta barreira por já ter saído do mercado de trabalho, além dos preconceitos e desigualdades na apropriação de espaços, representando barreiras para o acesso ao lazer.

d) O espaço urbano: em quase todas as cidades existe uma centralização de equipamentos específicos de lazer em sua localização. Segundo Marcellino (1983), o espaço urbano apresenta desníveis de ocupação do solo, onde os benefícios (e entre eles o lazer) se localizam em áreas centrais e a periferia se transforma em depósitos de habitações.

e) A violência: também pode ser considerada como fator inibidor de algumas vivências de lazer na medida em que devido a ela muitas pessoas evitam sair de casa e reduzem seu lazer as possibilidades domésticas. Isso afeta diretamente o lazer como um todo, limitando suas possibilidades de outras atividades ao ar livre ou grande encontro de pessoas nos lazeres sociais.

A barreira interclasses sociais se caracteriza primordialmente pelo fator econômico, os diferentes poderes aquisitivos dentro de uma sociedade. Este mesmo fator econômico se apresenta como determinante desde a distribuição do tempo disponível entre as classes sociais até as oportunidades de acesso à escola, contribuindo para uma apropriação desigual do lazer (MARCELLINO, 2002). As barreiras interclasses sociais possuem uma relação com as intraclasses sociais, principalmente quando o poder aquisitivo se apresenta de forma desfavorável;

[...] quando se tem em mente as possibilidades que o lazer oferece em termos de variedade de ocupações ou das funções que possa cumprir, ou seja, quando o critério deixa de ser quantitativo e se transforma em qualitativo, buscando-se detectar a apropriação do lazer enquanto atitudes ativas, balanceando diversão, repouso, criticidade e criatividade as barreiras que se verificam no plano social adquirem um peso muito maior (MARCELLINO, 1983, p.49).

Como dito anteriormente, nos centros urbanos há uma tendência dos equipamentos específicos de lazer (cinemas, centros culturais e teatros, por exemplo) se localizarem nos centros das cidades. Com esse fato, as pessoas que residem nas periferias e possuem baixo poder aquisitivo dependem de transporte público para acessá-los, porém o transporte resulta em um custo que, talvez, não encaixa em seu orçamento. Não se pode esquecer que na atualidade grande parte das opções de lazer demanda de um custeamento particular, que algumas vezes, estão fora da realidade de uma parcela da população mais carente. Para Marcellino (1983), democratizar o lazer implica em democratizar o espaço, assim o tempo disponível deve corresponder a um espaço disponível. Neste sentido, ser disponível

corresponde em ser acessível a todos independentemente de sua classe social, pois para grande parte da população o espaço de lazer é o espaço urbano, desta forma o acesso deve ser maximizado. Porém, o que se nota é a iniciativa privada assumir os equipamentos urbanos para o lazer e considerá-los como uma mercadoria para atrair o consumidor. Com essa formação social, a população mais carente é empurrada para seu lar durante o tempo disponível e, são estas mesmas pessoas que possuem menores possibilidades de lazer em seus domicílios (MARCELLINO, 1983).

Não se pode negar o fator educacional, onde as classes sociais mais favorecidas possuem uma maior possibilidade de receberem educação de qualidade, “o que torna seus componentes menos vulneráveis – o que não quer dizer imunes – ao conformismo, dando-lhes maiores possibilidades, a bem da verdade nem sempre aproveitados, de práticas críticas e criativas” (MARCELLINO, 1983, p.50).

Isso nos remete a outra discussão a respeito do duplo aspecto educativo do lazer, onde podemos encontrar as concepções de educação para o lazer e a educação através do lazer. O lazer interfere no desenvolvimento pessoal e social dos que o praticam. A partir desta perspectiva, no lazer as pessoas assimilam, digerem ou expõem, segundo motivações íntimas próprias, tudo que vem como norma, prescrição ou mesmo como sugestão das instituições de base da sociedade (CAMARGO, 1992). Este mesmo autor nomeia esta relação como “processo educativo informal do lazer”, e faz a seguinte analogia a respeito:

O processo da educação informal é parecido com o jogo de Penélope, a mulher do guerreiro Ulisses, que, assediada pelos pretendentes durante a longa ausência do marido, prometia-lhes conceder os seus favores assim que terminasse uma peça que cosia durante o dia e descosia de noite (CAMARGO, 1992, p.72).

Pode-se dizer que o lazer apresenta principalmente a possibilidade do desenvolvimento da criticidade a pré-determinismos estabelecidos pela ordem em vigor. Contudo, para que se torne possível esse ideal de lazer, anteriormente é necessário a educação para o lazer.

Neste sentido, temos a fala de Marcellino (1987, p.58),

[...] o lazer é um veículo privilegiado de educação (no seu desenvolvimento pessoal e social), [...] e para a prática positiva das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, com o enriquecimento do espírito crítico, na prática ou na observação.

A educação para o lazer consistirá em estimular a produção cultural própria e uma postura ativa nas atividades desenvolvidas e o conhecimento, diminuindo barreiras e a possibilidade da presença do anti-lazer que acentua o conformismo e induz as pessoas à acomodação (CAMARGO, 1992).

Nesse sentido, o lazer deve ser entendido com uma estreita relação com as demais esferas da vida social, afim de que não se transforme em fonte de fuga, alienação e consumo, se configurando em anti-lazer, desviando as atenções dos problemas sociais ou ainda usado como instrumento de dominação (MARCELLINO, 2002).

Assim, este campo educativo abre a possibilidade do exercício equilibrado das possibilidades de vivências durante o lazer, caracterizando uma educação para o lazer. O que se torna de uma considerada relevância, pois temos uma formação voltada para o trabalho e pouca tradição no lazer, o que deixam os sujeitos vulneráveis a apelos externos como mídia, modismos e animadores (BRUHNS, 2002). Bramante (1993, p.163), em uma perspectiva para o século XXI, coloca que “a educação para o lazer deve ser um tema de debates e, quem sabe, de experimentação, em todos os níveis de escolaridade: do redirecionamento do recreio escolar até a concepção de universidade como centro de cultura”.

Seguindo o pensamento de Marcellino (2002), compreendido sua importância na vida moderna, o lazer torna-se um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural, que se fazem necessárias para a implantação de uma nova ordem social.

3.4. Lazer e trabalho

O lazer pode ser considerado como uma criação da civilização industrial e urbana. Assim, para alguns autores (CAMARGO, 1992; DUMAZEDIER, 1979; MARCELLINO, 1983), a relação entre trabalho e lazer pode ser dividida em dois estágios baseados em estilos de vida e organizações sociais distintas, sendo

representados em um período de tempo pelas sociedades rurais e/ou pré-industriais, e posteriormente, pela sociedade marcadamente urbana e industrial.

Segundo Marcellino (1983), nos setores rurais a divisão entre as várias esferas da vida do homem não se mostrava de forma explícita. O trabalho era artesanal e feito em casa ou em lugares próximos, sendo marcado pelas relações sociais, acompanhava o ritmo do homem e das estações, e não raro executado ao som de cantos.

Este mesmo autor defende que com a chegada da era industrial e, conseqüentemente a urbanização das cidades, esse panorama rural onde não havia se concretizado o binômio trabalho/lazer sofre fortes mudanças. Com a introdução do relógio o ritmo deixa de ser do homem e passa a ser da máquina, as jornadas de trabalho são extensas e mal deixam tempo para a recuperação fisiológica.

De acordo com Marcellino (1983, p.21):

Na sociedade moderna, marcadamente urbana, a industrialização acentuou a divisão social do trabalho, que se torna cada vez mais especializado e fragmentado, [...] afastando os indivíduos da convivência nos grupos primários e despessoalizando as relações.

Neste cenário, a produtividade começa a formar sua cultura, os indivíduos são agrupados em setores de fábricas e unidos para a produção e “onde a funcionalidade imediatista constitui a maior preocupação, provoca seu distanciamento de si mesmos, do contato com o outro e com a natureza” (MARCELLINO, 1983, p.11).

Para Camargo⁵ (*apud* CAVICHIOLLI *et al.*, 2005, p.3392):

O trabalho urbano, regido pelos relógios de ponto, ignora o nascer e o pôr-do-sol, os ritos familiares e os humores pessoais, enquanto o tempo pré-industrial mantinha harmonia com os ciclos físicos da natureza e biológicos. Antigamente, apenas a soleira da porta separava a vida familiar da vida profissional, o tempo de trabalho e o lazer. O lazer, aliás, era tributário dos valores familiares, religiosos e tradicionais. Com exceção de poucas datas dedicadas a extravasam e aos excessos, o tempo livre era quase uma reprodução dos valores e conteúdos das instituições de base da sociedade. [...] Na sociedade urbana, os tempos se fragmentaram: uma parte do dia, normalmente escolhido pelo critério de produtividade, sendo dedicada ao trabalho, o restante das horas sendo dividido entre os

⁵ CAMARGO, Luis Otávio de Lima. Política de lazer. Revista Estudos do Lazer, SESC, n. 1, out. 1985, p. 6.

afazeres familiares, religiosos e um tempo chamado livre ou discriminatório.

Uma nova cultura formada colocava o trabalho como um bem para todos os males, um remédio para a solidão, para a morte de um ser querido, para um desengano amoroso ou sobre dúvidas de por que viver, raras vezes era colocado como causador de males sociais (BRUHNS, 2002). Esta cultura voltada para o trabalho reflete as atitudes cotidianas até os tempos recentes, principalmente onde prevalece o ideal da competição pelo destaque social. Porém, “enquanto o trabalho pode enobrecer o homem, o lazer aperfeiçoa-o” (BRUHNS, 2002, p.38).

Com o processo de industrialização e urbanização, o lazer começa a ganhar uma importância social, juntamente com reivindicações por menos horas de trabalho (o que ainda não corresponde a um tempo disponível), contudo para Cavichioli *et al.*, o lazer foi o grande beneficiado com essa redução, pois as pessoas tendem a garantir uma fatia homogênea do tempo livre para o lazer, não importando as possíveis variações de tempo de trabalho.

Os trabalhadores queriam mais tempo livre, pois desejavam a reconquista de um pouco de sua antiga independência. Contudo, a este respeito temos a fala de Bruhns (2002, p.26):

A máquina, heroína do sonho, doadora do tempo livre, traz consigo uma idéia de tempo neutralizada fazendo-o parecer livre, e logo o encadeia a outra máquina, o relógio. Somente dizendo 'tempo livre cronometrado' se desfaz a ilusão. O tempo cronometrado não pode ser livre.

Seguindo as colocações desta autora, a tarefa por hora encadeia a idéia de que tempo é dinheiro, que deve ser economizado, ganhado e contado.

Marcellino (1983) possui uma perspectiva mais otimista considerando que o progresso tecnológico permitiu maior produtividade com menos tempo de trabalho e com isso, o lazer aparece como forma de recuperação de energias, ludicidade e convívio humano, que eram cada vez mais oprimidos pela nova organização social que se formara.

Em uma interpretação da organização social atual e em perspectiva para o futuro, De Masi (2000), considera que vivemos em uma sociedade pós-industrial baseada principalmente na prestação de serviços. Este autor cita algumas heranças

da sociedade industrial que possibilitou o nascimento da organização pós-industrial. “A primeira consequência foi o aumento da longevidade, isto é, os seres humanos aprenderam a viver mais” (De MASI, 2000, p.127). Assim, este autor afirma que enquanto nossos antepassados viviam cerca de 300 mil horas e trabalhavam 120 mil horas, hoje vivemos aproximadamente 700 mil horas e os que possuem uma jornada de trabalho diária de 8 horas, trabalham cerca de 80 mil horas durante toda a vida. Contudo, Werneck (2001) alerta que esta lógica matemática desconsidera as questões sociais que são fundamentais a uma compreensão mais sensível e abrangente do tempo.

De Masi (2000) argumenta que, a partir de avanços tecnológicos e ciências da saúde o aumento da expectativa de vida se tornou possível, como também o aumento exponencial da população, onde mais da metade reside nos centros urbanos. Seguindo suas idéias, a sociedade pós-industrial proporciona um bem-estar maior, mas discrimina as pessoas oferecendo-o a poucos, pois nesta organização social o desemprego assola grande parcela da população e os que trabalham ainda trabalham muito e o desemprego é uma decorrência do fato de que aprendemos a produzir sempre mais com cada vez menos trabalho humano. Porém, esta última afirmação recebe diversas contestações, pois apropriação da tecnologia não aparece de forma igual para todas as sociedades, refletindo de diversas formas nas populações com menores poderes aquisitivos. Segundo Sader (2000, p.192),

Se uma caneta, por exemplo, passa a ser produzida na metade do tempo, apresentam-se duas alternativas relativas à força de trabalho que se excluem entre si: pode-se suprimir metade dos postos de trabalho ou diminuir a jornada de trabalho pela metade. A luta social vai definir o que vai acontecer.

Assim, de acordo com este autor, a tecnologia se tornou responsável pelo menor tempo de produção de uma determinada mercadoria e não pelo desemprego.

De Masi (2000), considera que com todas estas mudanças o tempo livre da sociedade toma novas dimensões, a partir da redução de jornadas de trabalho, redução das obrigações domésticas e distâncias geográficas provindas do avanço tecnológico afetando diretamente o lazer das pessoas. Contudo estes avanços não atingiram os países menos favorecidos financeiramente. A estes fatos acompanham diversas indagações sobre a realidade de países do terceiro mundo no que se refere às reduções de jornadas de trabalho. No dizer de Ferreira (2003):

Reduzir a jornada de trabalho aumentará o tempo de lazer? Esta pode ser, entre outras, a realidade mais próxima de países da Europa e América do Norte, onde houve a redução da jornada de trabalho, sem a possível redução dos salários, e também uma maior conscientização para o tempo livre, que pode ser dedicado para outras atividades de diversão e prazer.

Sem uma educação para o lazer, o tempo conquistado como consequência da redução de jornadas de trabalho em países como o Brasil, seria convertido em mais trabalho, na busca de melhores rendas e melhor “qualidade de vida”. Em sociedades onde a educação é voltada para o trabalho e o lazer é deixado nas últimas colocações em uma lista de prioridades, a lógica de De Masi ainda não se aplica.

3.5. Considerações sobre a adolescência e o consumo no lazer

A UNICEF (2002) considera a adolescência enquanto etapa do ciclo de vida humana que compreende entre os 12 e 18 anos de idade incompletos, sendo o adolescente um sujeito de direitos específicos assegurados por lei e que vive uma fase especial do seu desenvolvimento, de constituição de sua identidade e afirmação da sua autonomia.

Segundo Aranha e Martins (1993), a adolescência na cultura ocidental representa uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, cheia de contradições e abandono das características infantis, ao mesmo tempo em que não se assume as responsabilidades e obrigações da vida adulta.

Entretanto, Bonato (2006) discute que este tempo de transição não aparece de forma igual para todos os adolescentes, pois, no Brasil muitos adolescentes vivem um período que os obriga a ingressar precocemente no mundo adulto devido às más condições em que vivem, seja por episódios permanentes de conflitos, seja pela crescente desigualdade social e econômica que impera entre as nações, aumentando drasticamente a distância entre os poucos que usufruem de privilégios e os muitos que nada possuem.

Na visão de Dayrell e Carrano⁶ (*apud* COVAL, 2006, p.44):

⁶ DAYRELL, J.; CARRANO, P. C. R. *Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo.* [on-line] Disponível em:

Em nosso cotidiano nos deparamos com uma série de imagens a respeito da juventude que interferem na nossa maneira de compreender os jovens. Uma das mais arraigadas é a que enxerga a juventude em sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo, no futuro, na passagem para a vida adulta, a confirmação do sentido das suas ações no presente. Sob essa ótica, há uma tendência de encarar a juventude na sua negatividade, o que ainda não chegou a ser.

Segundo esses mesmos autores, outra imagem possível de encontrarmos tem sua raiz numa visão romântica da juventude, principal fruto da indústria cultural e do mercado de consumo dirigido aos jovens, onde a adolescência é entendida como um tempo de liberdade, de prazer e de expressão de comportamentos exóticos.

Para Coval (2006) as diversas formas que se compreende a esta etapa da vida humana influenciam na valorização e tratamento do público jovem, pois apenas uma mudança na maneira de entender e representar a adolescência é que possibilitará aos jovens tornarem-se sujeitos de direitos, e cidadãos atuantes.

A pesquisa “A voz dos adolescentes” realizada pela UNICEF (2002), mostra que a população de adolescentes no Brasil é de 21.249.557 representando 12,5% do total da população; deste total 10.546.314 são do sexo feminino (49,6%) e 10.703.243 adolescentes do sexo masculino (50,4%).

De acordo com a constatação da pesquisa em questão, a população de adolescentes na sociedade brasileira representa uma quantidade significativa, tornando-se cada vez mais relevantes as iniciativas do poder público que, por intermédio de políticas específicas, promovam ações visando o atendimento dos anseios relacionados ao lazer desta parcela da população. Pois, como afirma Dayrell⁷ (*apud* STTOPA, 2005, p.34), “[...] é preciso considerar o lazer [...] na fase da juventude, como campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção afetiva nas relações sociais”.

Entretanto, na oposição do que foi dito, o público jovem se torna alvo freqüente das propagandas e modismos transmitidos pelo setor privado que transforma o lazer em mercadoria e o comercializa, restringindo este lazer apenas

[http://www.uff.br/obsjovem/Jovens%20no%20Brasil%20\(vers%E3o20final\).pdf](http://www.uff.br/obsjovem/Jovens%20no%20Brasil%20(vers%E3o20final).pdf) Acesso em: 30/09/2005.

⁷ DAYRELL, J. *Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre*. [S.l.:s.n], s.d., 24p. Mimeografado.

aos que possam comprá-lo, ao mesmo tempo em que cria desejos em todos os alvos de sua publicidade. Assim, ocorre com freqüência a alienação do lazer, que se aproxima cada vez mais das relações consumistas. Sobre esta questão Gawryszewski (2003) afirma que, seja um *shopping center*, condomínio de luxo, parque temático, *resort*, boate, a publicidade vai atribuir qualidades (quicá, status) a estas manifestações de lazer para convencer seu público a ser feliz e viver bem, prazeres proporcionados em sua própria diversão, sendo que, para esta acontecer, é necessário que o sujeito invista seu dinheiro na sua felicidade.

Seguindo as idéias deste autor, os meios de comunicação entorpecem o público com uma avalanche de propagandas que instigam a todo momento o ato de consumir, e quando as atividades de lazer são transformadas em mercadorias a serem consumidas, o lazer estará completamente integrado ao sistema econômico do qual ele faz parte, estando inserido na manutenção do *status quo*.

Bruhns (2001) ressalta que, nesta relação entre consumo e lazer, devem ser considerados elementos que se referem ao estilo de vida, estrutura sócio-econômica dentre outros. Reforçando esta, idéia Gawryszewski (2003) ressalta que o vínculo entre lazer e consumo assume características próprias conforme a camada social em que se encontra, assim sendo, o consumo implica mais do que o preenchimento material de uma necessidade, denotando uma atitude de estandardização, que vai formular a imagem de uma classe social, ou seja, as atitudes (e compras) do indivíduo vão fornecer dados suficientes para que se reconheça seu status econômico. Isso é particularmente utilizado pelas elites, que a todo momento, criam modismos para se diferenciarem da massa trabalhadora.

Neste sentido, o consumo de hábitos de lazer diferencia-se entre as realidades sociais, sendo um fator de afirmação e distinção/delimitação de fronteiras entre as camadas e grupos sociais. O lazer passa a ser mais um objeto de consumo rápido e restringido de escolha, acarretando em exclusões dos que não possuem possibilidades de consumir. Nas palavras de Völker (2007), se torna necessário o reconhecimento da explícita intenção de exclusão de muitos, de desvalorização de tudo o que não envolva cifrões e de um prejuízo para a comunidade, que vê os recursos e opções advindas da indústria do entretenimento concentrados nas mãos de uma parcela muito pequena de pessoas.

A partir dessas discussões, pode-se esperar que o lazer assuma o seu significativo papel social e cultural quando for realmente reconhecido como um

direito de todo cidadão e não somente como privilégio de quem possua o poder aquisitivo necessário para desfrutá-lo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos a partir da pesquisa empírica serão dispostos em forma de gráficos, sendo relacionados à discussão teórica realizada no decorrer da revisão literária deste estudo. Desta forma, os gráficos referentes aos dois grupos de diferentes realidades sociais (instituição pública e particular) estarão dispostos de acordo com a questão pesquisada.

A faixa etária dos adolescentes pesquisados em ambos os grupos variou entre 14 e 17 anos de idade. Foram coletados dados em quantidades iguais referentes aos gêneros, equivalendo a 25 homens e 25 mulheres em cada um dos grupos.

De início, pode-se destacar uma questão relevante que se refere à obrigação do trabalho.

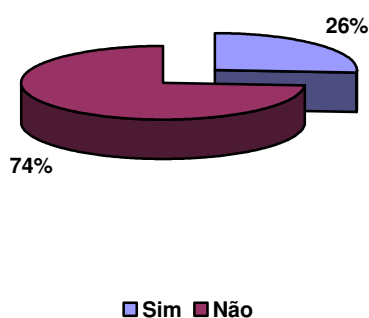


GRÁFICO 1: Porcentagem de adolescentes que trabalham (instituição pública)

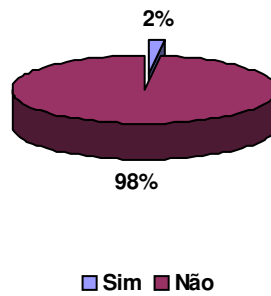


GRÁFICO 2: Porcentagem de adolescentes que trabalham (instituição particular)

Analisando os GRAF. 1 e 2, constata-se que mais de 1/4 dos adolescentes pesquisados na instituição pública trabalham, enquanto apenas 2% dos adolescentes pesquisados na instituição particular possuem esta obrigação. Macellino (2002) destaca a existência de fatores sociais, principalmente em classes sociais de menor poder aquisitivo, que obrigam o indivíduo muitas vezes a ingressar cada vez mais cedo no mercado de trabalho para auxiliar na sobrevivência da família. Da mesma forma, Bonato (2006) ressalta que muitos adolescentes são obrigados a ingressar precocemente no mundo adulto devido às más condições em que vivem o que aumenta, de algum modo, as distâncias entre os que nada possuem e os podem desfrutar de privilégios de sua classe social.

A questão do trabalho remete a uma discussão quanto à duração de suas jornadas laborais e suas conseqüências para o lazer desses adolescentes. Neste sentido, a constatação a seguir se faz importante:

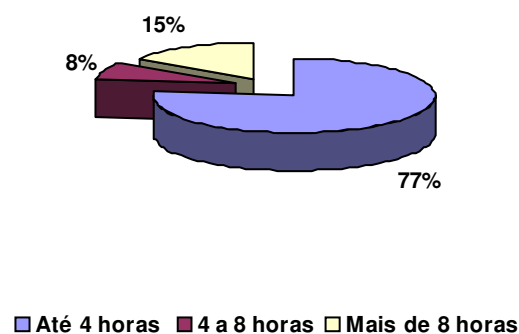


GRÁFICO 3: Quantidade de horas trabalhadas por dia (instituição pública)

O GRAF. 3 acima expõe que, na instituição pública, a maioria dos adolescentes pesquisados que trabalham possuem uma jornada de até 4 horas. Porém, 15% desta amostra trabalham em jornadas superiores a 8 horas diárias. A conciliação de estudo e trabalho (principalmente quando a jornada de trabalho é ampla) acarreta em uma diminuição significativa do tempo disponível do indivíduo. Se somadas as jornadas escolares e de trabalho teremos no mínimo uma ocupação de 12 horas diárias, sem levar em conta as obrigações sociais semanais. De Masi (2001) cita que estamos entrando e até já vivendo na civilização do tempo livre, porém o que se nota na prática é uma situação controversa. Este mesmo autor considera que a evolução tecnológica assume um papel primordial no aumento do tempo disponível da população. Contudo, para Santos (2000), ao mesmo tempo em que se vive a grande evolução tecnológica também se presencia a limitação do uso dessas tecnologias, já que seu custo afasta uma boa parte das pessoas da utilização desses benefícios.

De acordo com Werneck (2001), a maioria dos assalariados, no atual sistema mundial, possui uma jornada de trabalho mais longa do que o agricultor, artesão ou escravo da Idade Média. Além disso, a dinâmica cotidiana atual (na qual surgem cada vez mais obrigações provindas do estudo e do trabalho e que estão cada vez mais intensas), aliada ao crescimento desordenado das cidades promovem, na realidade, a perda do tempo que seria disponível. Marcellino (1983) afirma que a distância entre a moradia e o local de trabalho acaba por consumir o tempo que estaria disponível, ao mesmo tempo em que os equipamentos específicos de lazer e as unidades de moradia, geralmente, encontram-se em bairros distintos acabando por dificultar o acesso. Seguindo as idéias desse mesmo autor, apesar do trabalho (quando remunerado) possibilitar uma renda mensal que pode ser direcionada em parte para o financiamento de atividades de lazer, quando colocadas dentro de uma hierarquia de necessidades as atividades de lazer passam a ser encaradas como bens de luxo, pertencentes a uma classe privilegiada. Assim, os ganhos financeiros são destinados às necessidades consideradas básicas para a sobrevivência, e o lazer, não visto como uma necessidade básica, não é contemplado com os recursos financeiros.

Ainda na perspectiva do tempo disponível, temos as obrigações sociais (além da escola e, em alguns casos, do trabalho) dos adolescentes de ambos os grupos dispostos nos GRAF. 4 e 5 a seguir:

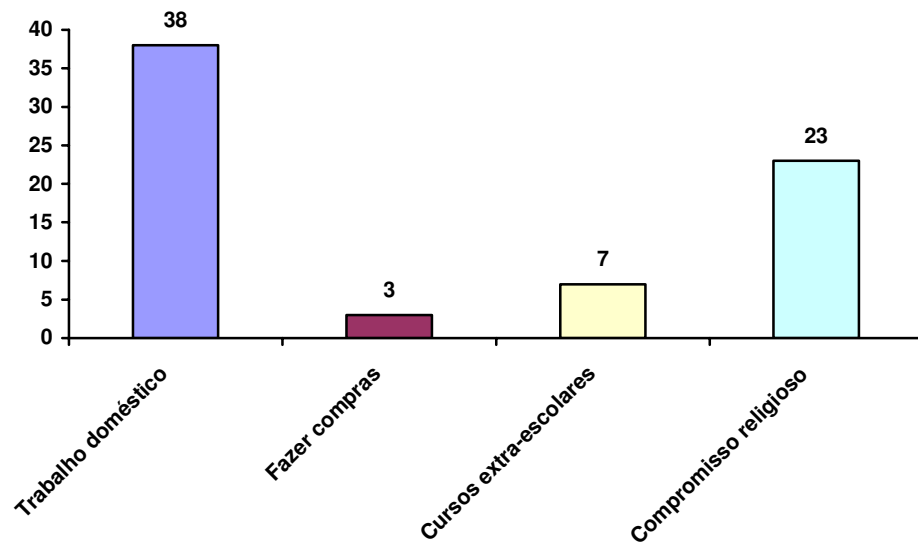


GRÁFICO 4: Obrigações sociais dos adolescentes (instituição pública)

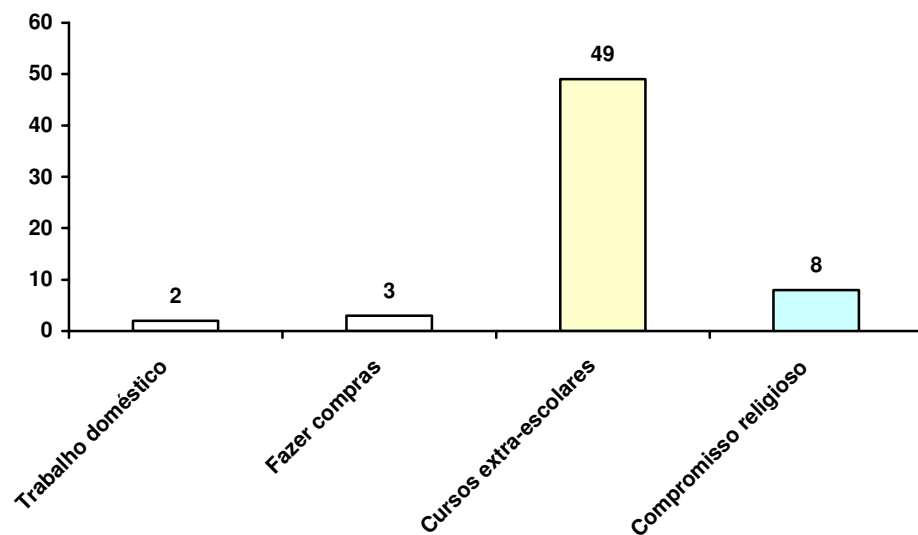


GRÁFICO 5: Obrigações sociais dos adolescentes (instituição particular)

Quanto às obrigações sociais dos adolescentes, nota-se uma diferença importante em relação ao tipo de ocupação predominante em cada grupo. As tarefas relacionadas ao trabalho doméstico se fazem consideravelmente mais presentes no cotidiano dos adolescentes pesquisados na instituição pública. Os compromissos religiosos também estão mais presentes neste mesmo grupo. Por outro lado, os cursos extra-escolares dominam o tempo das obrigações entre os adolescentes pesquisados na instituição particular.

O fato dos cursos extra-escolares serem as principais obrigações dos adolescentes desta amostra está ligado diretamente à preocupação com o preparo

para o futuro profissional. Com uma melhor qualificação e domínio de conhecimentos necessários a uma determinada profissão, busca-se uma maior competitividade para ocupação das reduzidas vagas de trabalho estáveis disponíveis. Além disso, possibilidade de maior poder aquisitivo pode influenciar as vivências de lazer que poderão ser mais intensas e variadas, visto que na situação atual grande parte das atividades de lazer requer um financiamento.

Além do mais, acesso à educação pode ser um fator relevante no que diz respeito aos hábitos de lazer, pois como afirma Marcellino (1983), a educação possibilita práticas mais críticas e criativas no tempo disponível, contudo, estas possibilidades nem sempre são aproveitadas. A situação dos adolescentes que possuem como principal obrigação as tarefas domésticas pode se configurar como preocupante, pois, seguindo as idéias de Marcellino (1983), a população mais carente possui menores possibilidades de lazer em seus domicílios e acabam se tornando consumidores quase que apenas das programações da televisão.

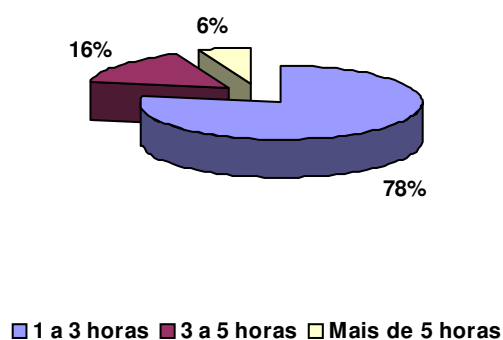


GRÁFICO 6: Duração das obrigações sociais (instituição pública)

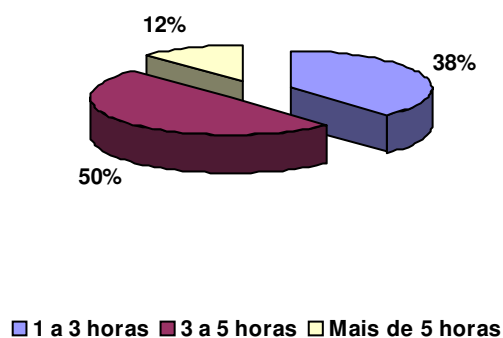


GRÁFICO 7: Duração das obrigações sociais (instituição particular)

Os GRAF. 6 e 7 retratam a relação do tempo que as obrigações sociais (além da escola e, em alguns casos, do trabalho) ocupam no dia-a-dia do adolescente. Notamos que os adolescentes pesquisados na instituição particular possuem, em sua maioria, uma jornada de obrigações com duração de 3 a 5 horas ou superior a 5 horas (vale a pena ressaltar que a principal obrigação social da amostra em questão são os cursos extra-escolares).

Na sociedade contemporânea o ócio é dotado de preconceitos e visto como um perigo a moral, assim a sociedade, a escola e a família realizam intervenções para o controle do tempo livre (MASCARENHAS, 2001). Em relação a esse aspecto, Forjaz (1988) considera que o ócio e o “não fazer nada” são categorias repudiadas no discurso das elites, que, pelo contrário, legitimam a produção, a criação, a iniciativa e a atividade quanto às práticas da vida cotidiana.

Aliado a este fato, a sociedade competitiva impõe a necessidade da capacitação para o mercado de trabalho e a superação de concorrentes na busca de posições sociais privilegiadas. Neste caso, em classes sociais mais favorecidas, há uma ocupação do tempo com diversas atividades como escolinhas de música, esportes, línguas estrangeiras, cursinhos pré-vestibulares que se transformam em obrigações limitando o tempo disponível das crianças e adolescentes, gerando um “furto” do lazer nessa faixa etária (MARCELLINO, 2002).

No grupo pesquisado na instituição pública, a maior parte da amostra (78%) apresenta uma demanda de 1 a 3 horas com as obrigações sociais. Quando recordado o GRAF. 4, nota-se que os trabalhos domésticos assumem o papel principal nessas mesmas obrigações dos adolescentes da instituição pública pesquisada. Isso ocorre ao mesmo tempo em que os cursos extra-escolares quase não são citados por esta mesma amostra. Assim, pode-se supor que o “furto” do tempo disponível dos adolescentes pesquisados na escola pública se dá de maneira mais preocupante, já que não possuem as mesmas oportunidades de qualificação (no que se refere ao acesso a esse tipo de educação transmitido através de cursos extra-escolares) dos sujeitos que tem melhores condições de educação.

Nos GRAF. 8 e 9 apresentados a seguir temos uma exposição das atividades de lazer realizadas durante a semana nos dois grupos de adolescentes pesquisados.

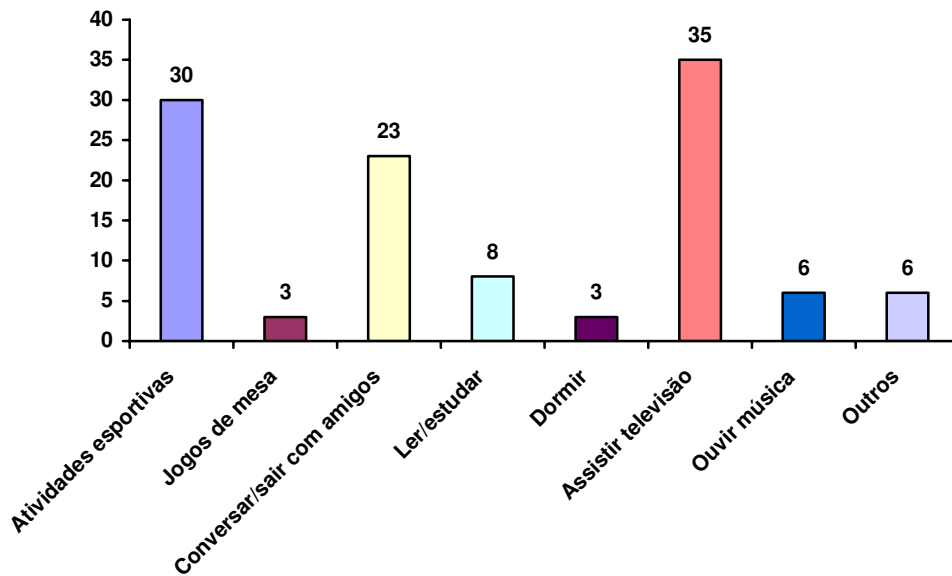


GRÁFICO 8: Atividades realizadas durante a semana (instituição pública)

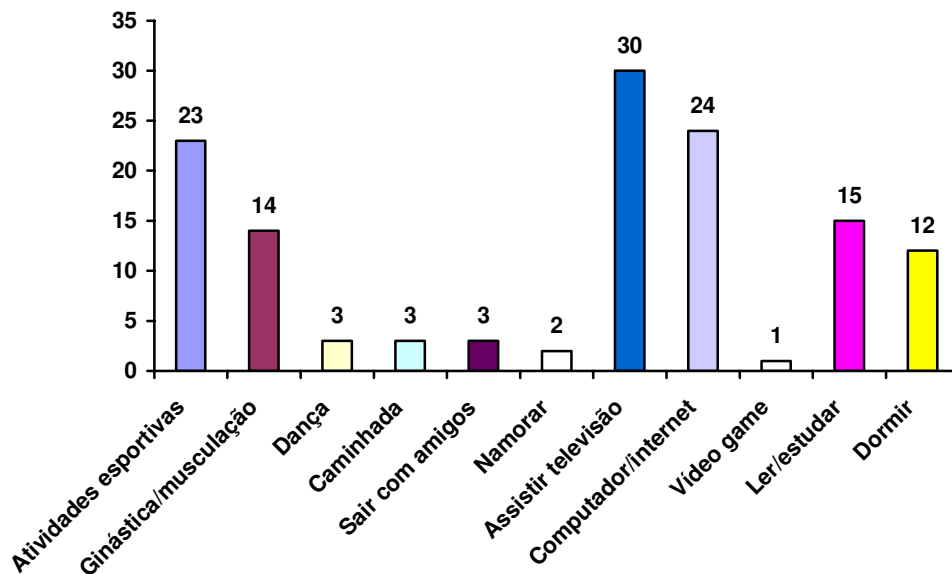


GRÁFICO 9: Atividades realizadas durante a semana (instituição particular)

Para os dois grupos percebe-se a predominância da televisão como principal atividade de lazer. Isso retoma a discussão sobre os possíveis benefícios e malefícios da televisão no lazer da população. Segundo Marcellino (2002), esta relação pode possuir aspectos aglutinadores, no ponto de vista espacial e em termos de interesses e conteúdos de conversa; ou aspectos que promovam o isolamento, pois neste sentido, não há uma interação entre as pessoas que estão caladas assistindo a televisão. Já para Camargo (1992), os meios de comunicação de massa não isolam os indivíduos, o distanciamento seria provocado por outros

fatores como a busca por pessoas iguais, a distância de gerações entre outros fatores. Todavia, para ambos os autores, o que se ainda questiona é o baixo nível das programações.

Em outra interpretação da relação existente entre a televisão e o lazer, Peres (2001) coloca que é fundamental reconhecer a televisão enquanto uma possibilidade de lazer e como um meio de informação sobre o lazer. No entendimento desse autor, a televisão pode ser um instrumento de estímulo à prática quando há a promoção das atividades de lazer pela própria televisão ou quando informa sobre equipamentos de lazer, e até mesmo quando alerta sobre a necessidade do lazer na vida das pessoas.

A predominância da televisão nos hábitos de lazer dos adolescentes também leva à questão sobre a livre escolha das atividades de lazer. A população é cativa das programações televisivas por uma opção ou por falta de opções de lazer? Pode-se supor que os programas exibidos pelas emissoras de televisão são atrativos para o telespectador. Porém, não se pode negar que a falta de equipamentos específicos de lazer ou a má conservação dos mesmos, a distância entre a moradia e os locais dos eventos de lazer, no geral, as barreiras interclasses sociais e intraclasses sociais empurram a população para os lazeres domésticos.

Outro aspecto importante é a grande presença do computador/internet como a segunda atividade de lazer mais citada pelo grupo pesquisado na instituição particular. Este tipo de lazer se faz cada vez mais presente no contexto atual, entretanto, por mais que se fale em inclusão digital, o computador e internet não aparecem nas atividades de lazer do grupo pesquisado na instituição pública. No que se refere a essa situação, Pereira e Silva (2005) destacam que um Brasil moderno e industrializado convive em tensão com um Brasil arcaico e pobre, e não se podem manter no esquecimento as marcas causadas pela desigualdade.

Na concepção dos autores citados anteriormente, o computador, inicialmente restrito ao ambiente de trabalho e voltado para a execução de suas tarefas, foi inserido no ambiente doméstico, ampliando suas funções. Assim, as novas tecnologias avançam para diferentes esferas da vida, das quais o lazer ganha destaque. Os grandes protagonistas dessas mudanças foram os jovens, principalmente crianças e adolescentes, com os jogos e o acesso a internet (PEREIRA; SILVA, 2005). Abordando esse aspecto, o computador e a internet

quando usados para o acesso a grupos de bate-papo possuem aspectos de interesses sociais do lazer, na procura do “convívio” social.

As atividades esportivas estão presentes nos dois grupos pesquisados, porém com maior número para o grupo pesquisado na instituição pública, o mesmo acontecendo com as atividades que envolvem as conversas e passeios com amigos. Esta relação pode ser freqüente até mesmo por não demandar tanto investimento. Porém, o que se pode supor é uma discrepância entre os locais de práticas e os equipamentos esportivos utilizados pelos grupos. O jogo de futebol em um campo de terra e com os pés descalços podem ser os principais aspectos da prática esportiva do grupo pesquisado na instituição do bairro Vilage do Lago 2. Por outro lado, os adolescentes da escola particular podem ter acesso a equipamentos específicos em melhores condições para a prática esportiva, como, por exemplo, os clubes, equipamentos específicos de lazer para aluguel, ou até mesmo quadras e campos de uso particular.

Pode-se destacar o fato de que a leitura/estudo aparecer como a quarta atividade de lazer mais praticada em ambos os grupos pesquisados. Apesar de constar nos dois grupos, esta vivência possui adesão quase duplicada nos adolescentes pesquisados na instituição particular. A predominância desse tipo de atividade de lazer também foi constatada no estudo de Forjaz (1988), que pesquisava o lazer e consumo cultural das elites. Segundo a autora, esta constatação indica que o segmento das elites pretende ser eminentemente intelectualizado, mas afirma também a idéia, já bastante difundida, de que a fruição cultural é símbolo de *status* no Brasil, ou seja, o acesso à cultura erudita e a fruição estética são uma das formas de distinção social. Evidentemente esta qualidade de intelectualização decorre de uma competência adquirida, de um capital escolar e cultural que é distribuído socialmente de maneira desigual (FORJAZ, 1988). O que corrobora com um GRAF. 5 onde a quase totalidade dos adolescentes pesquisados na instituição particular admitem freqüentar algum curso extra-escolar, o que não acontece com a amostra da instituição pública.

A seguir são apresentados os GRAF. 10 e 11 das atividades de lazer realizadas nos finais de semana pelos dois grupos pesquisados.

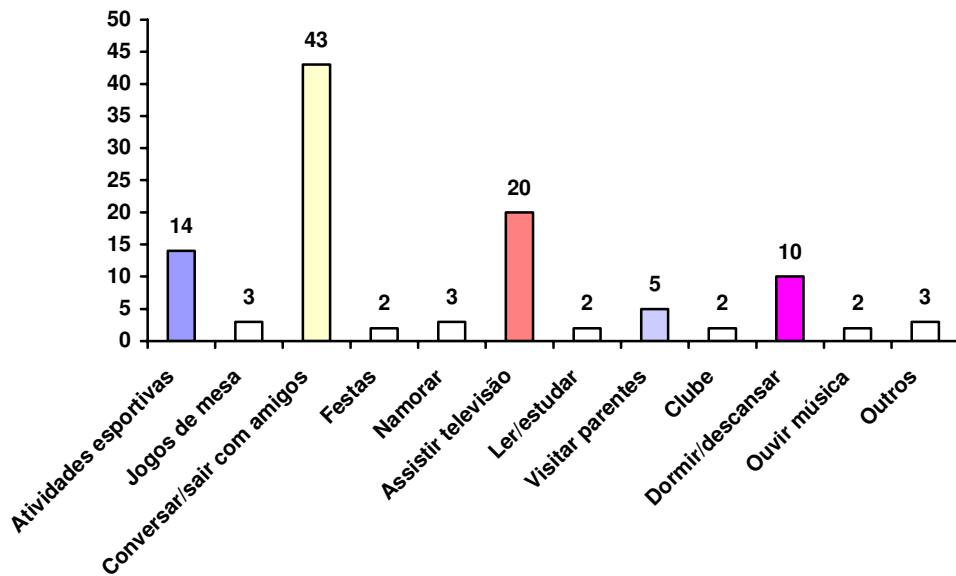


GRÁFICO 10: Atividades realizadas nos finais de semana (instituição pública)

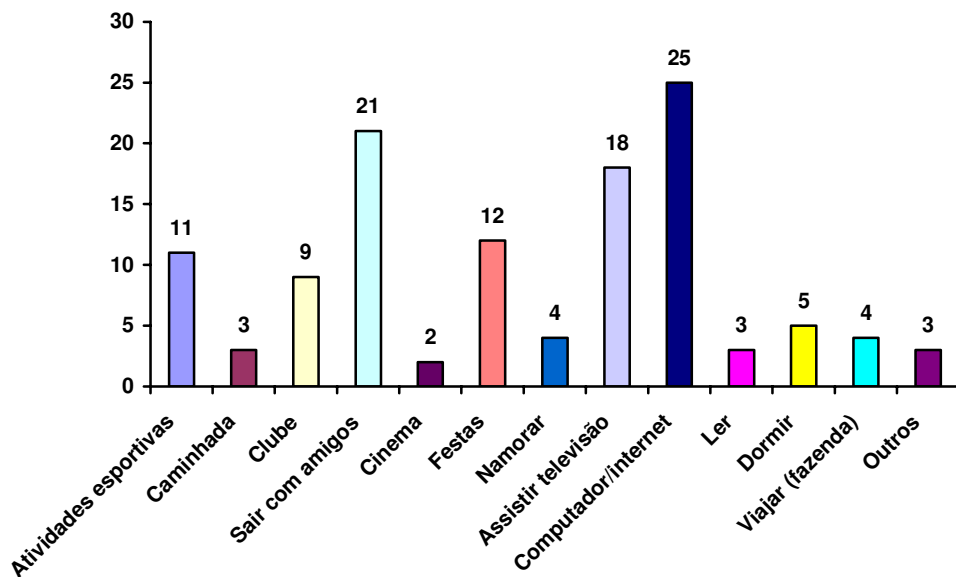


GRÁFICO 11: Atividades realizadas nos finais de semana (instituição particular)

A televisão ainda se faz muito presente nos finais de semana dos grupos pesquisados, porém não aparece como a atividade mais praticada em nenhuma das realidades sociais. As atividades que envolvem o interesse do convívio social aparecem com grande frequência no lazer dos grupos, com destaque para o pesquisado na instituição pública. O computador e a internet ocupam o lugar principal no lazer de finais de semana do grupo pesquisado na instituição particular assim como durante a semana ocupa um lugar de destaque nesse mesmo grupo. Se

o computador for utilizado para interesses sociais, tem-se, então, a predominância desse mesmo interesse nos finais de semana dos adolescentes pesquisados.

Mais uma vez o acesso à internet e o computador não aparecem no lazer dos adolescentes pesquisados na instituição pública. Percebe-se uma discrepância entre os dois grupos em relação às atividades que envolvem os recursos econômicos. Este fato é discutido nas obras de Camargo (1992) e Marcellino (1983, 2002) como barreiras que limitam o acesso ao lazer da população mais carente.

Nos GRAF. 8, 9, 10 e 11 onde estão apresentadas as atividades de lazer dos adolescentes, se consideradas as classificações dos conteúdos culturais do lazer defendidas pelos autores Camargo (1992), Dumazedier (1979) e Marcellino (1983, 2002), há uma predominância dos conteúdos intelectuais, físicos e sociais. Segundo Camargo (1992) e Marcellino (1983, 2002), os conteúdos culturais do lazer dividem-se em físicos, manuais, intelectuais, artísticas, sociais e turísticos. Ora, se existem seis categorias de atividades de lazer e os adolescentes se restringem a somente a três conteúdos, o lazer desses adolescentes pode ser considerado como limitado.

Sobre este aspecto, Marcellino (1983) salienta que o ideal seria que cada pessoa desenvolvesse sua ação, no tempo disponível, abrangendo todos os grupos de interesses exercitando o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual e o relacionamento pessoal. Este mesmo autor lembra que as atividades são divididas de acordo com a motivação e intenção predominante que leva o indivíduo a integrar-se em determinada vivência.

A falta de certos conteúdos no lazer dos adolescentes, e na população em geral, talvez se deva ao fato de pouco incentivo ou ao difícil acesso. Não se pode negar o fato de que a falta de uma educação para o lazer pode afetar diretamente os hábitos da população, que segundo Marcellino (2002), tende a concentrar seu lazer somente em poucos conteúdos.

As atividades de lazer ligadas aos interesses físicos estão presentes em ambos os grupos. Entretanto, na amostra da instituição pública são descritos somente os esportes coletivos, enquanto a amostra particular cita, além dos esportes coletivos, a ginástica, a musculação, a dança e a caminhada. Segundo o estudo de Forjaz (1988), há uma correlação entre a posição na hierarquia social e a atenção dedicada ao próprio corpo, ou seja, ela é tanto maior quanto mais alto se está na escala da sociedade. Pode-se aceitar esta constatação da autora para as

amostras pesquisadas nesse estudo, pois como foi descrito anteriormente, as atividades corporais aparecem com mais frequência para o grupo que possui maior poder aquisitivo. É possível que este acontecimento se deva ao fato que, exceto a caminhada, as atividades descritas pela amostra da instituição particular requerem um custeio para sua prática em academias.

Nos GRAF. 12 e 13 exibidos em seguida, apresentam-se os anseios dos adolescentes relacionados ao lazer em diferentes realidades sociais.

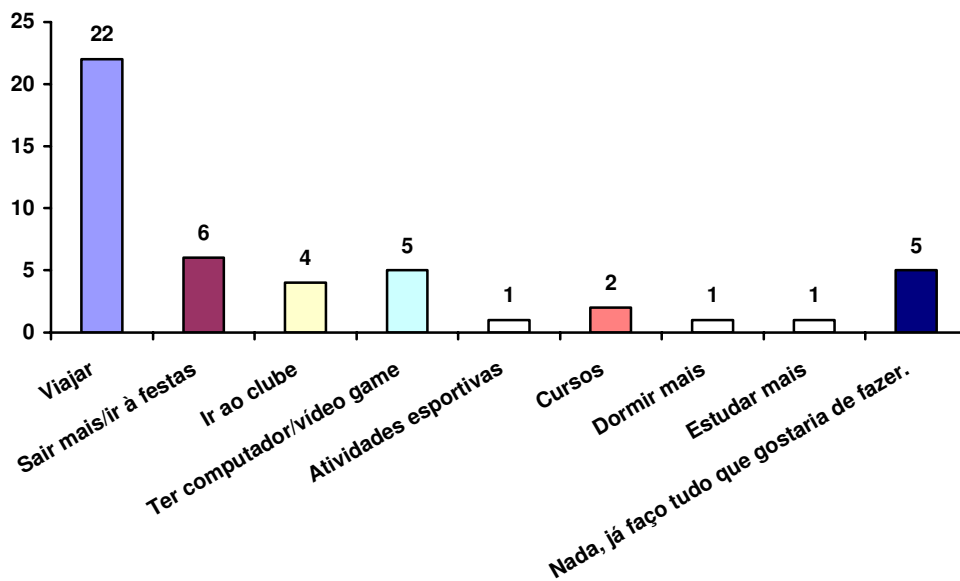


GRÁFICO 12: Atividades que gostariam de fazer (instituição pública)

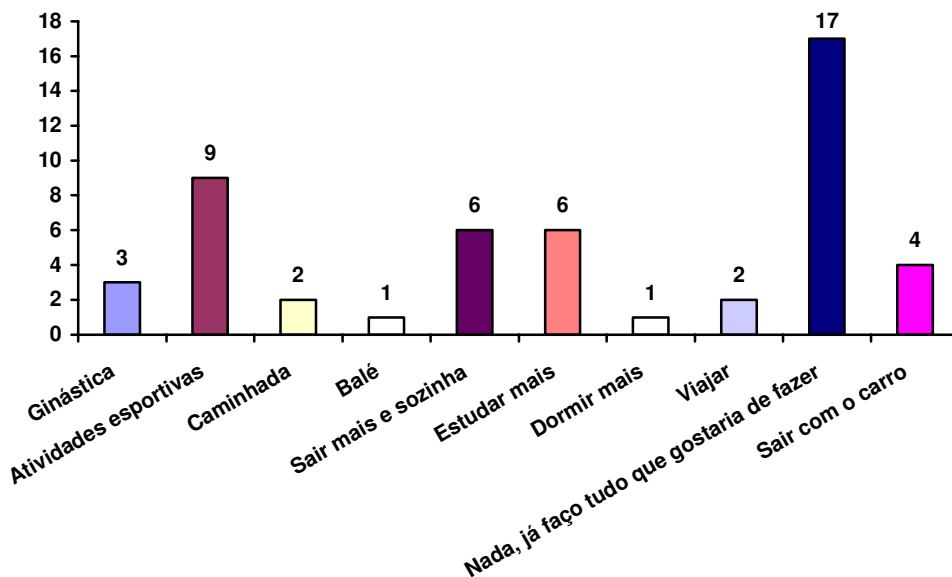


GRÁFICO 13: Atividades que gostariam de fazer (instituição particular)

Na análise dos anseios relacionados ao lazer dos adolescentes pode-se perceber que no grupo pesquisado na instituição pública o grande desejo situa-se no

conteúdo turístico, em conhecer lugares novos através de viagens. O desejo de freqüentar festas e clubes e de possuir computador e internet também se faz presente neste grupo. Por outro lado, a amostra da instituição particular anseia principalmente por interesses físicos, com as práticas esportivas. Ainda se constata a existência da vontade de sair mais e sem o acompanhamento dos responsáveis; bem como o desejo de sair para os momentos de lazer dirigindo o carro da família.

Outro dado que se faz contundente é a freqüência de adolescentes que responderam que não anseiam por mais nada no lazer. Este tipo de resposta foi comum nos dois grupos, entretanto com maior número na instituição localizada no bairro Ibituruna, inclusive ultrapassando os anseios por atividades de lazer. Isso pode se relacionar ao fato de que atividades de lazer dos adolescentes requerem principalmente de recursos financeiros e esta amostra possui recursos econômicos suficientes para o financiamento das atividades de lazer.

Todavia, vale ressaltar que as atividades de lazer dos adolescentes de ambos os grupos se restringem a somente três conteúdos, os intelectuais, físicos e sociais. Desta forma, os outros conteúdos como os artísticos, os manuais e os turísticos não entraram no lazer dessa amostra. Tem-se aqui uma situação contraditória, onde parte dos adolescentes não anseia por atividades de lazer ao mesmo tempo em que o lazer deles é restrito a somente três conteúdos culturais. Isso seria um problema de uma falta de uma educação para ao lazer? Para Camargo (1992), a educação para o lazer consiste, entre outros objetivos, em estimular a produção cultural própria nos seus diversos conteúdos culturais. Marcellino (2002) ressalta que, em uma relação direta, quanto menor o acesso aos variados conteúdos do lazer, menor será o interesse da população a estes mesmos conteúdos. Nesse sentido, se os adolescentes nunca tiverem o estímulo ao contato com os mais variados conteúdos culturais do lazer, não se restringindo somente aos mais comumente acessados pelos mesmos, pode-se esperar que a sua vivência durante o tempo disponível tenderá a uma limitação. Conseqüentemente, os adolescentes estarão sujeitos a uma concentração das atividades de lazer somente em poucos conteúdos culturais. Segundo Camargo (1998, p. 119-120), “o ideal é ter muitos, infinitos *hobbies*. Exercitar ao máximo a nossa polivalência, a nossa capacidade de sermos muitos em muitas circunstâncias”.

Os GRAF. 14 e 15 a seguir se relacionam diretamente com os dados expostos anteriormente, pois se referem ao motivo que, segundo os adolescentes,

impedem o acesso às atividades que compõem os anseios com relação ao lazer dos adolescentes.

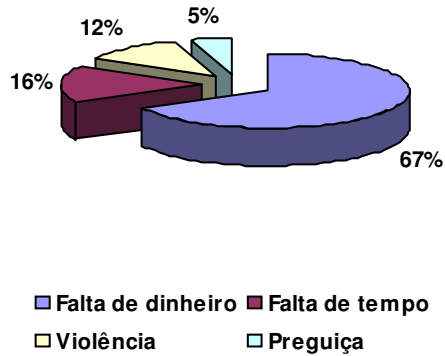


GRÁFICO 14: Motivo pelo o qual não faz o que gostaria (instituição pública)

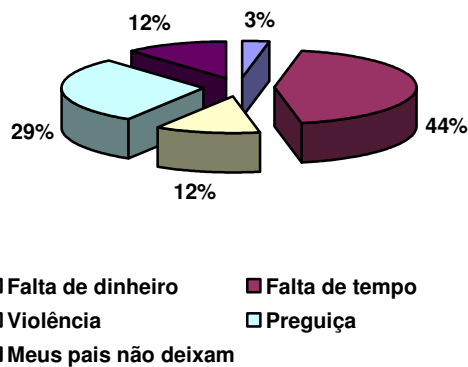


GRÁFICO 15: Motivo pelo o qual não faz o que gostaria (instituição particular)

O grupo pesquisado na instituição pública possui como principal barreira para o lazer a falta de recursos financeiros. Macellino (2002) classifica este fator como uma barreira interclasses sociais e considera como um aspecto limitante para o lazer tanto no aspecto da quantidade de tempo disponível quanto na qualidade do lazer do indivíduo. Neste sentido, esta barreira aparece principalmente na instituição pública. A barreira mais representativa na instituição particular foi a falta de tempo. O pouco tempo disponível dos adolescentes pesquisados na instituição particular se deve, em grande parte, a quantidade de cursos extra-escolares que fazem parte de suas obrigações.

A violência se apresenta como uma ameaça ao lazer dos dois grupos de adolescentes. Para Macellino (2002), a violência é considerada como fator inibidor de algumas vivências de lazer, pois devido a ela muitas pessoas evitam sair de casa e reduzem seu lazer as possibilidades domésticas, afetando diretamente as atividades ao ar livre ou em grandes encontros de pessoas nos lazeres sociais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo surgiu da busca por respostas e reflexões das seguintes questões: quais as vivências que constituem o lazer dos adolescentes em diferentes realidades sociais? De que forma é distribuído o tempo disponível destes adolescentes? De que maneira a questão econômica configura-se como uma barreira para a vivência do lazer entre adolescentes?

Como critério para a busca de informações nessas duas realidades sociais distintas optou-se pela coleta de dados em duas escolas (uma pública e outra privada) que retratam a desigualdade social presente entre os adolescentes.

A partir do desenvolvimento das pesquisas bibliográfica e empírica foi possível constatar que o tempo disponível dos adolescentes de ambas as realidades sociais tende à restrição. A grande demanda de obrigações sociais acaba se transformando em um limitante do tempo que poderia ser direcionado ao lazer. Porém, este fato é percebido principalmente entre os adolescentes de maior poder aquisitivo. Estes adolescentes possuem uma série de obrigações sociais referentes a cursos extra-escolares e apontam a falta de tempo disponível como o grande limitador das suas vivências de lazer.

O tempo disponível dos adolescentes da instituição pública também aparece de forma restrita. As obrigações sociais, que em grande parte aparecem na forma de tarefas domésticas, ocupam uma parte do tempo diário desse público. Além disso, mais de 1/4 do grupo de adolescentes com menor poder aquisitivo possuem a obrigação de trabalhar após a jornada escolar, o que pode agravar ainda mais essa situação. No entanto, apenas uma parcela muito pequena desses adolescentes cita a falta de tempo como um fator de limitante do seu lazer. Para a

maior parte desse grupo verificou-se que o fator econômico foi considerado como a grande barreira das suas vivências de lazer.

Outro fato constatado na pesquisa empírica, e que também se refere às barreiras para o lazer, foi o medo da violência urbana. Esta preocupação foi mencionada pelos os adolescentes independentemente da sua realidade social. De acordo com Marcellino (2002), isso denota que algumas vivências do lazer passam a ser evitadas, como por exemplo, os grandes aglomerados de pessoas no interesse social do lazer.

No que se refere às vivências do lazer dos adolescentes, notou-se uma restrição nos conteúdos culturais que constituem o lazer. Pois, nas atividades descritas pelos adolescentes pesquisados predominam os conteúdos intelectuais, físicos e sociais. Este fato pode ser percebido independentemente da realidade social do indivíduo, pois ambos os grupos possuem interesses limitados em relação às possibilidades de vivências que o lazer oferece.

Notou-se um paradoxo na pesquisa empírica, pois ao mesmo tempo em que o lazer dos adolescentes é restrito em suas vivências, grande parte dos adolescentes (em sua maioria da instituição privada) não anseia por outras vivências além do que já é praticado. Esta contradição afirma a falta de informação da população em relação ao lazer. Aliada a esse fato, muitas das possibilidades de atividades contidas no lazer não chegam ao conhecimento do público em geral e, conseqüentemente, não fazem parte das reivindicações e dos anseios populares.

A questão econômica se revelou como uma barreira importante, pois entre os adolescentes da instituição pública notou-se o desejo por atividades que requerem um maior investimento financeiro para sua vivência. Possivelmente, esta ocorrência foi comum devido ao fato de que, na atualidade, grande parte das atividades de lazer são negociadas como produtos a serem consumidos. Como esse grupo reside na periferia da cidade e possui baixa renda, era de se esperar que os adolescentes sofressem restrições quanto a muitas atividades de lazer.

No geral, os anseios dos adolescentes de ambos os grupos também foi restrito com relação aos conteúdos culturais do lazer. Cada vez mais se percebe o quanto a falta de uma educação para o lazer e de políticas específicas relacionadas ao lazer interferem nas vivências da população. Nesse sentido, a proposta de autores como Marcellino (1987) e Camargo (1998), de uma educação para o lazer simultânea a educação para o mundo do trabalho, se caracteriza como fundamental.

Isto ainda se faz mais necessário em uma sociedade onde a educação da população ainda baseia-se principalmente na preparação para o trabalho e o lazer aproxima-se cada vez mais das relações consumistas, sem responsabilidade com a qualidade e com a exclusão de parcelas da população mais carente, ou que sofre por outros tipos de barreiras, como por exemplo, gênero ou a idade.

Nesse sentido, a democratização do lazer não depende exclusivamente de fatores sócio-econômicos, mas também se relaciona com a educação para a vivência do tempo disponível. Para tanto, o lazer deve ser entendido como uma construção individual e social, que requer incentivo e que, ao mesmo tempo, para sua vivência, deve-se resguardar a livre escolha, oferecendo possibilidades e alertando para o perigo dos modismos voltados para o mero consumo do lazer.

Por fim, ressalta-se a necessidade de outros estudos que tratem da prática do lazer em grupos específicos, como os adolescentes. Além disso, se levarmos em conta que a prática ou não do lazer está diretamente vinculada às questões econômicas, podemos afirmar que uma real mudança com relação à democratização do acesso ao lazer passa, necessariamente, por grandes transformações que abarcam, inclusive, mudanças estruturais no setor econômico.

6. REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à filosofia*. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1993, 395p.

BONATO, Taís Nicoletti. *Hábitos de lazer e autoconceito em adolescentes*. 2006. 106 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 24 out 2007.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Edição especial. São Paulo: Encyclopaedia britannica do Brasil, 1988. 226 p.

BRAMANTE, Antonio Carlos. Recreação e lazer: o futuro em nossas mãos. In: MOUREIRA, Wagner Wey (org.). *Educação Física e Esportes: Perspectiva para o Século XXI*. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1993. p. 161-179.

BRUHNS, Heloisa Turini. De Grazia e o lazer como isenção de obrigações. in: BRUHNS, Heloisa Turini (org.). *Lazer e Ciências Sociais: Diálogos Pertinentes*. São Paulo: Chronus, 2002. p. 17-38.

BRUHNS, Heloisa Turini. Reflexões entre a relação entre lazer e consumo. in: WERNECK, Christianne Luce Gomes (org.). *O lazer em debate*. Belo Horizonte: Celar, 2001. p. 18-25.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998. 160 p.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *O que é lazer*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. 101 p.

CAVICHIOILLI, Fernando; CHELUCHINHAK, Aline Barato; AUGUSTO, Vitor do Nascimento. A influência dos preceitos funcionalistas nos autores mais populares da área do lazer. XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. *Anais*. Porto Alegre, set. 2005.

COVAL, Mário Andrei Stein. *A representação social da adolescência e do adolescente e expectativas de prática pedagógica de futuros professores*. 2006. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2006. Disponível em: <libidigi.unicamp.br>. Acesso em: 10 de jul 2007.

De MASI, Domenico. Perspectivas para o trabalho e o tempo livre. in: *lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC/WLRA, 2000. p. 121-137.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979. 244 p.

FERREIRA, Adriana dos Reis. *A compreensão do lazer no planejamento urbano de Goiânia: Aproximações históricas*. 2003. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003. Disponível em: <libidigi.unicamp.br>. Acesso em: 20 maio 2007.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. Lazer e consumo cultural das elites. *Revista brasileira de ciências sociais*. n. 6, v. 3, fev 1988. p. 99-113. Disponível em: <www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbs_00_06/rbcs06_06.htm>. Acesso em: 11 set 2007.

GAWRYSZEWSKI, Bruno. A luta capitalista contra o ócio: a necessidade à um lazer consumista. *Revista Digital*, Buenos Aires, a. 9, n. 66, Nov. 2003. Disponível em: <www.efdeportes.com/efd66/ocio.htm>. Acesso em: 23 ago 2007.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991. 159 p.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudos do lazer: uma introdução*. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2002. 100 p.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. 11 ed. Campinas: Papyrus, 1987. 164 p.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e humanização*. 7 ed. Campinas: Papyrus, 1983. 88 p.

MASCARENHAS, Fernando. Exclusão social clube: problema para as políticas públicas e gestão em esporte e lazer. XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. *Anais*. Porto Alegre, set. 2005.

MASCARENHAS, Fernando. Lazer e trabalho: liberdade ainda que tardia. in: WERNECK, Christianne Luce Gomes (org.). *O lazer em debate*. Belo Horizonte: Celar, 2001. p. 81-93.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. *Tratado de metodologia científica*. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1999. 320p.

PEREIRA, Rogério Santos; SILVA, Silvio Ricardo da. Brincadeiras aos pedaços: convivência e conflito na sociedade de rede. XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. *Anais*. Porto Alegre, set. 2005.

PERES, Fabiano Antônio Sena. Televisão, lazer e educação: repensando suas relações. in: WERNECK, Christianne Luce Gomes (org.). *O lazer em debate*. Belo Horizonte: Celar, 2001. p. 131-137.

SANTOS, Milton. Lazer popular e geração de empregos. in: *lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC/WLRA, 2000. p. 31-37.

SADER, Emir. Trabalho, desemprego e tempo livre. in: *lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC/WLRA, 2000. p. 191-200.

SOBRAL, Francisco. *Actividade física, lazer e ciclos de vida*. Loulé: INUF - Instituto Universitário Dom Afonso III, 2004. 80 p.

STOPPA, Edmur Antonio. *"Tá ligado mano": o hip-hop como lazer e busca da cidadania*. 2005. 143f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <libidigi.unicamp.br>. Acesso em: 10 jul 2007.

UNICEF Brasil. *A voz dos adolescentes*. 2002. Disponível em: <www.unicef.org/brazil/voz_resumo.htm> . Acesso em: 07 ago 2007.

VÖLKER, Valéria. Lazer: espaço de transformação e aprendizagem. *Revista multidisciplinar*, Montes Claros, a. 5, n. 4, Jun. 2007. p. 18-21.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. Considerações sobre o pensamento de Domenico de Masi e suas implicações para o entendimento de lazer na atualidade. in: WERNECK, Christianne Luce Gomes (org.). *O lazer em debate*. Belo Horizonte: Celar, 2001. p. 102-110.

7. APÊNDICE

FORMULÁRIO**LOCAL:** _____

1. Sexo: () M () F

2. Idade: _____

3. Você Trabalha?
() Sim () Não4. Se sim, quantas horas por dia?
() até 4 horas () 4 a 8 horas () + De 8 horas5. Além do trabalho/estudo, quais obrigações você têm?
() Trabalho doméstico () Fazer compras () Cursos extra-escolares
() Compromisso religioso
() Outros- especifique: _____6. Quanto tempo as obrigações ocupam no seu dia?
() 1 a 3 horas () 3 a 5 horas () + de 5 horas

7. Cite pelo menos duas atividades que você costuma fazer em seu tempo livre durante a semana.

8. Cite pelo menos duas atividades que você costuma fazer em seu tempo livre nos finais de semana.

9. Em seu tempo livre, o que você gostaria de fazer e não faz? Por que não faz?
